

The image shows two light blue wool balls resting in a cardboard container. The wool has a soft, fibrous texture. The container is made of light-colored cardboard with some wear and tear. The background is a plain, light grey surface.

Silveira de Souza
ECOS NO PORÃO

volume 1

ECOS NO PORÃO

volume 1

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

Reitor

Alvaro Toubes Prata

Vice-Reitor

Carlos Alberto Justo da Silva

EDITORA DA UFSC

Diretor Executivo

Sérgio Luiz Rodrigues Medeiros

Conselho Editorial

Maria de Lourdes Alves Borges (Presidente)

Alai Garcia Diniz

Carlos Eduardo Schmidt Capela

Ione Ribeiro Valle

João Pedro Assumpção Bastos

Luís Carlos Cancellier de Olivo

Maria Cristina Marino Calvo

Miriam Pillar Grossi

Editora da UFSC

Campus Universitário – Trindade

Caixa Postal 476

88010-970 | Florianópolis - SC

Fones: (48) 3721-9408 | 3721-9605 | 3721-9686

Fax: (48) 3721-9680

editora@editora.ufsc.br

www.editora.ufsc.br

Silveira de Souza

ECOS NO PORÃO
volume 1



Contos selecionados pelo autor

© 2010 Silveira de Souza

Direção editorial:

Paulo Roberto da Silva

Coordenação editorial:

Manoel Ricardo de Lima

Editoração:

Carolina Pinheiro

Capa:

Maria Lúcia Iaczkinski

Revisão:

Flavia Vicenzi

Ficha Catalográfica

(Catalogação na fonte elaborada pela DECTI da Biblioteca Central da Universidade Federal de Santa Catarina)

S729e Souza, Silveira de, 1933-

Ecos no porão : volume 1 / Silveira de Souza.
- Florianópolis : Editora da UFSC, 2010.
166 p.

1. Contos catarinenses. I. Título.

CDU: 869.0(81)-34

ISBN 978-85-328-0515-7



Este livro está sob a licença Creative Commons, que segue o princípio do acesso público à informação. O livro pode ser compartilhado desde que atribuídos os devidos créditos de autoria. Não é permitida nenhuma forma de alteração ou a sua utilização para fins comerciais.

br.creativecommons.org

SUMÁRIO

O vigia e a cidade (1960)	7
Prólogo	9
O charadista.....	11
A clarineta.....	15
Nuvens.....	21
Uma voz na praça (1962).....	25
O morto	27
Ricto.....	33
Negócio.....	41
Ilha das Vinhas.....	47
Quatro alamedas (1976).....	49
O projeto.....	51
Fusca gelo.....	59
As estátuas	63
O vizinho.....	67
Carolina.....	73
Os pequenos desencontros (1977)	77
Questão de tempo	79
A realidade de Ana Suely.....	83
O braço direito de Noêmia	87
Os Vingadores.....	91
Para a rodoviária	95
Eu e minha mãe.....	99
O vestido.....	103
O acompanhante do pregador.....	105
Em certa noite de Reis.....	109
Os pequenos desencontros	113

O cavalo em chamas (1981)	117
O cantochão e a sombra	119
Bugres	131
Exercícios burgueses	141
IRPVII	145
As pulsações	153
Psicocinesia	157
O cavalo em chamas	161

• O VIGIA E A CIDADE (1960) •

PRÓLOGO

Desenhou-se antes o enorme semicírculo vermelho por detrás do Morro. Refletia a claridade num espaço de céu, em que dormiam montinhos brancos de nuvens, separados. Instantes mais tarde os primeiros raios do sol caíram sobre as baías calmas, sobre as árvores, sobre a cidade.

Os turistas que em determinadas épocas do ano visitam a cidade acham-na bonita. Já houve a respeito dela artigos e crônicas publicados em jornais do Rio. Contavam do poético da paisagem, “obra-prima da Natureza”; igualavam-na aos recantos pitorescos de outros países; não compreendiam a sua falta de popularidade nacional; acabavam por incriminar os poderes públicos.

Dentro dessa moldura, entretanto, vive uma população igual às outras. Madrugada escura ainda e os primeiros ruídos de atividade, de trabalho, abafam o cantar dos galos. São as carroças atonetadas de frutas e legumes para o Mercado Público, que rolam com estrépito as rodas de aço no paralelepípedo. São as portas de aço dos cafés que se abrem. Ou o ronco de algum caminhão cortando as ruas desertas em viagem para o interior.

Nos dias quando cai a chuva, a cidade não é triste; mostra apenas um ar de melancolia. Muitas vezes o vento forte, o vento sul famoso, empurra as pessoas distraídas nas dobras das esquinas; arranca os chapéus dos homens respeitáveis e dos matutos; e se chovisca, já virou do avesso inúmeros guarda-chuvas de armação escassa.

O Morro é uma transversal. Tem uma cruz plantada na corcova mais alta, que abençoa as gentes simples.

Espalham-se no sopé filas de casebres miseráveis. Ali vivem os operários, as lavadeiras, as prostitutas, os malandros. Há quem os ache pitorescos. Do alto do Morro se vê a Catedral Metropolitana, os jardins, os telhados das casas, as ruas estreitas, as torrezinhas pontudas das igrejas menores, a Ponte Hercílio Luz.

Que interesse pode ter, no entanto, a descrição de uma cidade? Nos dá a impressão de contemplarmos um cadáver. Tentemos, pois, animá-la com um toque de vida, com um sopro humano. Imaginemos um ser qualquer, um homem comum, que a ama e a observa e, carinhosamente, anota as impressões que sentiu. Este homem terá reminiscências, falará das coisas que mais perto estiverem dos seus conhecimentos, do seu caráter e do seu temperamento. As paisagens e os fatos tomarão cores talvez diversas das reais. Mas terá isso alguma importância? A cidade renascerá, eis o principal. Não a cidade tal como ela se possa apresentar aos olhos de quem quer que seja. Apenas a cidade construída e sentida por aquele homem comum.

O vigia olhou a cidade e dela gravou paisagens e fatos. Eis o conteúdo deste livro. É possível que o leitor nele não encontre nada de interessante ou de profundo. Culpe-se a perspicácia acanhada do observador. De qualquer forma, este é um livro pessoal e, se mais não puder ser, continuará sendo, apenas, O VIGIA E A CIDADE.

O CHARADISTA

Pela rua, ladeada de palmeiras, caminhava, à mesma hora sempre, o charadista. Rua silenciosa, esparramando frescura, sombras. Poderia trazer momentos de paz e reflexão. O charadista pisava o chão com ritmo, lento, descansadamente. Hoje. Olhos baixos, grudados nos cubinhos da calçada; o pensamento alerta, hoje, no mundo das palavras medidas, exatas. Roupas gastas, sapatos velhos.

Caminhava, para ele convergindo a atenção da vizinhança, que lhe sentia o desusado mover de lábios, na conversa íntima, ininteligível; via-o penetrar na casa antiga, amarelo desbotado, dois compartimentos.

Lá, e hoje, o quarto diferente. A mesma cama, a mesma mesa. Os objetos iguais. O espelho mesmo. O espelho. Mas diferentes. Como se uma nuvem transparente e desconhecida envolvesse as coisas. Ou um novo espírito brincasse no corpo do homem já existente e batizasse os seus olhos de cores novas. Longo tempo, sério, mirou-se no espelho. Possível duvidar, ou rir-se. Era o charadista. Ali estavam o nariz, os cabelos, as linhas faciais que há tanto tempo se habituara ver. Mas diferentes.

Como foi? Então se pode dedicar a vida, apenas, aos logogrifos, aos cruzamentos de palavras, às charadas e problemas de pura investigação? E os fatores terríveis e lamentáveis, por mesquinhos, que diariamente roubam ao homem as horas de alegria e finalidade? Pudéssemos fazer a coisa religião, só e única, a coisa nossa vida! Riu-se. Infantilmente quisera o charadista abraçar o seu mundo,

trazê-lo consigo todos os momentos, a criança carregando o primeiro brinquedo.

No espelho, desde aí, o passar dos tempos foi a sucessão das mesmas imagens, que se diferenciavam. Um retorno sempre, nas horas de autocontemplação. Avultavam a lembrança triste dos pais, os amigos de infância hoje mortos, as primeiras lágrimas, o aprendizado dos enigmas ou a fuga. Mas era o charadista, só e somente, quem estava no espelho.

Um dia - no entanto o céu o anunciava, avolumando nuvens pardas na sua superfície - houve o rompimento, a ausência. De quê? A vizinhança estava lá. Agora, com a seriedade fria quando angústia alheia. A preocupação mórbida de um sofrimento estranho. O desejo de ajuda, para uma possível reciprocidade futura.

Na cama, o charadista suave. Grossas bagas escorriam-lhe da testa grande. Um cobertor, odioso e grosseiro, escondia-lhe o corpo. Corpo obeso, sem linhas graciosas, mas corpo. Vislumbrava, febrilmente, nos traços humanos ao seu redor, deslocamentos, distorções de formas, sem compreender.

Encontrou-se abandonado, num certo instante. Sessenta anos de existência pacífica, apagada no encargo público, deveria conduzi-lo a alguma coisa. As linhas humanas desapareceram, sem explicações ponderáveis, como haviam surgido. A solidão. E a inércia dos seus dias, a aridez das horas, a frouxidão ante os obstáculos exteriores não lhe foram, e eram, os característicos da vida? A conformação. O charadismo, fuga. A consequente, lógica, cristalização do medo. Resultavam aquilo: ele, hoje. Eram o quarto. Havia ali a mesa, cheia de dicionários e

papéis; o copo de remédio, colher por cima, ao alcance da mão. Abafamento de venezianas cerradas. A vontade quase irrefreável de levantar-se, locomover-se. Ou sentar-se – ah! – ou sentar-se junto à mesa, naquele banquinho conhecido, amigo, o único talvez, e debruçar-se no mundo das palavras por descobrir, caçar a chave dos problemas embaraçosos (os homens...), manusear dicionários.

Depois, o formigamento interior, no calor do ambiente, quando mais se banhava em suor. Pensou: “Espécie de aranha africana”. Pensou e sorriu. “Personagem de Shakespeare, três letras”. O espelho: retorno. “Filha de Ínaco, duas letras”. Voltavam-lhe à mente os enigmas simples, de aprendiz, revestidos de ternura, de encantamento, como se lhe rebentasse outra vez e súbito o mundo da infância. “Arma recurva e cortante, nove letras”. Sorriu. Sim! Riu-se. A dança! Houve a dança. Um desfile harmonioso de musas e deusas à margem dos grandes rios, em gestos teatrais. Eis que surge o chefe etíope, tendo nas mãos a arma recurva e cortante; a filha de Ínaco foge, espavorida – um sinônimo de espavorida? – e o chefe etíope morre, horrivelmente devorado pelas aranhas africanas. “Rio do sul da França, duas letras.” Riu-se.

A janela está aberta. Pingos de suor no chão. Os pés descalços. Dedos cabeludos como aranhas. Pés que saltam numa tentativa de dança – musas à margem dos grandes rios. Sobem nas cadeiras, na mesa. Retorno: o espelho. *O espelho!* Ali, o rosto molhado, imbecil, disforme, a rir-se como um menino. E as mãos partem o espelho em destruição furiosa de sonhos. Uma nova fuga. Veem os olhos as palmeiras da rua: “Um lugar deserto, rodeado de palmeiras, que é?” Um quarto? Deserto só. Que se distancia lá para baixo, num

convite. E os pés saltam, dançam como as musas e voam, de súbito, pela janela.

A vizinhança lá estava. As linhas faciais recurvas de piedade. Caminhava com ritmo, lento, não na calçada, mas na rua, ladeada de palmeiras. Horizontalmente, o charadista foi conduzido para o silêncio que sempre o amara. Deslindava o enigma absoluto. Entretanto o céu o anunciava, avolumando nuvens pardas na sua superfície.

A CLARINETA

Tossiu. As mãos tatearam o ar, trêmulas, alcançaram o garrafão de aguardente a um canto junto da cama. Deitado, correu os olhos pelo quarto miserável: paredes encardidas e esburacadas; o guarda-roupa; o calendário empoeirado, pendente de um prego; a cadeira a expor camisas de colarinhos sujos. E daí? Nada que lhe pudesse distrair os olhos ou trouxesse uma esperança de novidade. O mesmo cenário exíguo, como uma canção enfadonha, repetida mil vezes. A tosse súbita, o líquido derramando num fio pelos cantos da boca, caindo no peito magro. Logo então a dormência, a sensação ilusória de bem-estar, de tranquilidade.

Poderia imaginar, para trás da cabeceira da cama, a claridade cinza da tardinha, que se coava pela janela. Não havia porém imaginação. Era um pressentimento, uma certeza inconsciente, como se aquela tarde cinza e úmida ali para trás da janela devesse obrigatoriamente sempre existir e marcasse o limite entre a realidade crua e o mundo de seus fantasmas. Breve – pensou – recomeçaria a viver. Não importavam os últimos insucessos. Não se deixaria vencer. A clarineta estava ali. Via a ponta do estojo negro em cima do guarda-roupa, mostrando-se entre papéis amarelcidos. Estava ali. Esperava-o, sem dúvida. Instantes da sua vida surgiam e desapareciam.

Por que, na infinidade de momentos diversos que representavam o passado, infinidade que por fim se confundia e se transformava numa única extensão linear de tempo, por que determinados fatos e coisas se relevavam,

crescendo, agigantando-se e afinal dominando totalmente a memória, repetindo-se e repetindo-se, como se apenas estes fatos e coisas representassem o passado?

O Morro – enorme transversal cortando de norte a sul a cidade. Retalhava-o uma infinidade de caminhos estreitos e sinuosos. Desde que adoecera e tivera por paisagem a desolação daquele quarto, o Morro era lembrança persistente. Surpreendia-se às vezes no seu ponto mais alto e via, lá embaixo, desenrolar-se a cidade, com a sua Catedral, as suas ruas antigas, as suas árvores domesticadas e simétricas, o seu pretensioso casario burguês. Via-se, ele próprio, dentro dessa paisagem, em diferentes situações no tempo, alimentando com esforço a sua ilusão, procurando formar um sentido, como as notas num pentagrama. Ou então:

- Três por quatro!

Era quando, às vezes, neste mesmo quarto, contemplava distraído a Santa Ceia estampada no calendário. Lentamente, como através de névoa, lentamente se delineava o casebre de madeira à subida do Morro. Como uma aurora lembrada em sonhos, a infância lhe tornava lentamente. E a sala, como entre névoa. E, já agora, como se fossem reais, lá estavam a mesa coberta pela toalha bordada; o vaso de flores artificiais; a oleogravura do Sagrado Coração de Jesus à parede. E o pai:

- Três por quatro!

O pai. Velho sargento reformado, ex-músico de banda. Toda a frustração de artista irrealizado se revelando naquela sensibilidade extrema, que explodia em profusão de gestos nervosos e grotescos ao menor estímulo. Velho

baixote e vigoroso, cujos braços grossos e cabeludos bem faziam lembrar a potência dos músculos.

- Isto é valsa, não percebeu ainda? Três por quatro! Assim, olhe!

Pá, pá, pá! Marcava estrepitoso o compasso da valsa, batendo furiosamente os pés no assoalho.

Sentia a cabeça leve. A visão sumiu. Imagens várias e outras esgarçavam-se pela memória num desfile inconsequente. Reencontrava-se nos clubes da cidade natal, executando a clarineta. Reencontrava-se entre os amigos, os bons amigos, músicos, os que formavam em reuniões familiares os alegres conjuntos. Vozes animadoras, entusiásticas, voltavam-lhe à mente. Sons cascadeantes, como risadas, invadiam o quarto. Acordes brejeiros e ternos ferindo o ouvido, subindo e descendo escalas cromáticas. Sons cheios, elásticos, vibrantes, eram os bons momentos que tornavam. Sentia, ele sentiu, que simbolizavam a força da vida, a única razão, para ele, por que alguém deveria suportar a vulgaridade dos dias. Elásticos, vibrantes, inundavam-lhe a mente, estonteavam-no como... Todo o quarto parecia rodar, mergulhado na cadeia de sons que o transportavam pelo espaço, além e além, e com ele a esperança, a grande esperança de todos, a sua esperança de que, qualquer que fosse o esforço realizado para a vida, nada seria inútil. A cidade grande.

Estava sentado na cama, os olhos pregados no calendário empoeirado. Em cima do guarda-roupa, a clarineta. Que fantasma o perseguia? Subitamente, no silêncio, o quarto exíguo da pensão lhe pareceu um túmulo asfíxiante. Procuraram as mãos trêmulas o garrafão, com avidez. Depois, a fuga da cidade natal e o ridículo

do fracasso. Mas, notaria alguém, mesmo no ridículo, o heroísmo doloroso do homem sobraçando a clarineta? Do frágil instrumento que era, enfim, o meio de realização de alguma coisa? Havia a ânsia de popularidade, a ambição de um lugar ao sol. Houve a busca das rádios, das grandes emissoras. Onde porém as amizades, as ligações de importância que em meio à voragem lhe indicassem o caminho seguro? Onde a força para se impor, a coragem? Encaramujava-se, como um estúpido.

- Três por quatro, seu estúpido! Assim, olhe!

Não mais o pai, hoje, para ensinar-lhe exatamente as coisas. Um estúpido. Apenas, consigo, a doença, irremediável à falta de recursos.

Levantou-se. Era um estúpido. Bebeu do garrafão, andou até a janela do quarto. Através da vidraça, na qual se debatiam moscas, olhou a rua estreita lá embaixo. Uma fila de pardieiros marginava as calçadas. Estava no fim, tudo. Um estranho formigueiro humano caminhava na ruela, apressado, indiferente. Rua tristonha, suja; indiferente ela também.

Abriu a janela, ficou a olhar a rua, os pequenos e sórdidos estabelecimentos comerciais que pontilhavam nela. A cabeça girava; estava bêbado. Tossiu, convulso, a mão fechada diante da boca, num gesto habitual. Um estúpido. Toda a multidão era estúpida. Toda a multidão que passava lá embaixo, egoísta, odiosa, levantando zumbidos de inseto. Precisavam saber:

- Estúpidos! Estúpidos!

Ali, a massa de títeres que caminhava ansiosa na crua realidade da tarde cinzenta. O horrível cuidado, em

cada rosto, para a inútil solução de problemas mesquinhos.
Idiotas.

- Estúpidos! Idiotas!

Multidão, súbito surpreendida, que olhava da rua a figura grotesca no alto da janela, a lançar-lhe insultos, gesticulando desordenadamente os braços descarnados.

NUVENS

Não íamos à missa. Domingos de sol, manhãzinha, éramos sempre três, de calças curtas, pés no chão. Íamos de caniço em punho pescar baiacus. Quase sempre sentávamos antes no pasto aberto próximo da praia e o negro Pudino tirava do bolso da camisa cigarros amassados, que distribuía. A conversa então se fazia mais séria, depois da primeira tragada. Procurávamos mostrar um comportamento mais adulto, de gestos mais ponderados. Falávamos com displicência de assuntos de coragem ou de proezas sexuais, na maioria puramente imaginárias; ou então dizíamos que Flash Gordon iria escapar da armadilha do Imperador Ming no próximo episódio da fita em série. Negro Pudino não aceitava o fato de Flash Gordon mostrar total indiferença às investidas amorosas da Princesa Áurea, filha de Ming, que era supergostosa e morria de tesão pelo Flash.

- Pô, rapaz, ele até parece veado! - dizia o negro Pudino, com irritada decepção.

Em torno de nós, a década de 40, ainda em seu início. Esquecíamos quase o mar, ali na frente, manso, com os seus trapiches em ruínas, as estacas podres avulsas. Depois, caçar as baratinhas das pedras. Era preciso cautela, tomar posições arriscadas sobre as pedras escorregadias, a mão encolhida como uma concha para acompanhar a trajetória assustada e rápida dos bichinhos. Esperar o momento certo e, de súbito - plaft! - trancá-los na mão. Esmigalhar-lhes as cabeças, enfiá-los nos anzóis, era um já!

Os baiacus faziam estrias nas águas, logo desmanchadas. Negro Pudino pescava-os com habilidade e, tomado de malvadeza ou sadismo, fazia-lhes cócegas no ventre, que inchava como um balão. Depois, punha os baiacus sobre o chão e estourava-os com os pés. Seus cadáveres ali ficavam, tripas de fora, vidravam-se os olhos de sapo, sem compreenderem que os humanos têm a mesma crueldade dos grandes peixes.

Longe, a ilha do Carvão descansava solitária. Gaiotas descreviam piruetas sobre o mar. Das barcaças junto dos trapiches vinham sempre músicas e risos. Às vezes, em algum lugar, na proa ou na popa, víamos alguém solitário, com expressão melancólica, que fumava cachimbo silenciosamente, a contemplar o céu limpo, os olhos parecendo refletir todas as nuvens. Alguém que se afastava dos demais e que parecia buscar algo romântico e indecifrado naquela limitada paisagem de espaços ensolarados que se cruzavam com um mar sempre enigmático. Talvez buscasse, para o seu destino, quem sabe, algo tão puro como uma primeira ideia da natureza das paisagens.

Veza que outra, em retorno, encontrávamos pelos arredores Conceição, a prostituta.

- Conceição, como vai?
- Bem, e vocês?
- Nós também, Conceição!

Seu olhar bêbado errava sobre nós, como se não nos visse.

- Por que leva esse tipo de vida, Conceição?
- Ora, merdas!
- Por que, Conceição?

- Que outro posso levar, amorzinho? - ria-se, cretina, estendida na pedra, a exhibir equimoses nas pernas. Quase meio-dia, retornávamos para casa, cansados e famintos. Indiferentes ao gigante sonolento, rígido, inofensivo, que dormia lá em cima, deitado sobre o morro Cambirela.

• UMA VOZ NA PRAÇA (1962) •

O MORTO

O mato era uma mancha úmida entre o nevoeiro, quando abriu a porta. Há uma semana que, na hora em que se inquietava na cama a pensar coisas ruins e por fim levantava, via o nevoeiro entre manchas escuras. As manchas que ia reconhecendo mais com o esforço da memória que da vista, como o monte de lenhas, as varas da horta de feijão, o mato. Levou da cozinha uma caneca com água e, no terreiro, molhou os olhos, esfregando a mão calosa no rosto, para espertar. Como sempre, surgiu o cachorro, sacudindo-se, sacudindo o rabo, baixando as orelhas, fuçando-lhe as pernas, os pés descalços.

Desde menino que muito cedo, noite ainda, se acordava pressentindo qualquer coisa, que não se realizava, imaginando acontecimentos tristes. Gostava então de caminhar pela praia, ou acocorar-se na ponta de um barranco, a grossa japona às costas, à espreita de uma invisível manta de peixes. Seguiu a trilha de capim molhado. Afastou os bambus da porteira. Enquanto ia entre arbustos que lhe roçavam as calças, ouviu o rumor do mar, o cantar de galos, os rosnados do cachorro a correr na sua frente, afastando-se e aproximando-se.

Antes, examinou a casa de veraneio, fechada, que haviam entregue aos seus cuidados. Experimentou as portas e janelas, todas cerradas. O cachorro deitara-se enroscado no varandão e ele se afastou sozinho.

Depois, permaneceu longo tempo em pé na beira do barranco, indeciso se desceria dali e andaria pela praia. O nevoeiro cobria as montanhas do outro lado. Vazante, o

mar vinha ter à larga praia em pequenas ondas espumosas, num marulho demorado e monótono, que parecia vir de muito longe e aumentando, aumentando de intensidade e ir morrendo, também na distância.

Não compreendia. Apenas tinha certeza, por senti-la, da existência daquela coisa que o deixava triste quando pensava no dia igual que se estenderia a sua frente. Com as suas diferenças no seguir das horas, mas igual. Como a montanha que ele sabia a sua frente, que se emendava noutra montanha, que se emendava noutra montanha, sem fim. A rede. A roça. A rede. A roça. Trabalho sem rendimento. A mulher sempre grávida e impertinente. A mulher que o atormentava como um diabo, alimentando exigências intermináveis, recriminando-o em todos os momentos, como um diabo. Tratando-o como uma criança ou um boneco. Um boneco.

Às vezes imaginava outras situações, outra vida. Já pensara em morar na cidade, fugir da incerteza do mar para um trabalho qualquer na cidade. Que lhe desse pouco, mas certo. Fim do mês, o certo. Era no entanto difícil. Políticos se aproximavam, prometiam, negociavam votos; nada se realizava. A esperança, apenas, teimava em ficar, como uma mosca. Visitava-o frequente na forma de imagens, enganando-lhe os olhos como as histórias de um sonho. Mas, logo então, com uma careta, afastava as imagens ridículas. Não! Aprendera que o trato com as pessoas necessitava de jeito, de imaginação. Ele não sabia insinuar-se, armar situações favoráveis, simpatizar. Criar um truque, fazer um jogo. Irritava-se continuamente, ofendia as pessoas. Ou se colocava em posição humilhante a balbuciar misérias

ante olhares tolerantes e falsamente penalizados. Nada se realizaria. Não sairia dali. Marisco grudado na pedra.

Do bolso da calça tirou o cachimbo e o naco de fumo, num gesto inconsciente. Prendeu o cachimbo entre os dentes, enquanto picava o fumo no dedo com a faca que sempre trazia sob o cinto. Depois, amassou o fumo cortado, esfregando as palmas das mãos unidas transversalmente. Foi então que alertou os ouvidos, porque pensara ter ouvido nalgum ponto distante, à direita, o som da buzina de um pombeiro.

Foi andando depois pela praia, a cachimbar maquinalmente. A areia lisa e dura da vazante gravava somente o calcanhar e os dedos dos pés, deixando para trás uma sequência de arabescos irregulares de vestígios pouco profundos. Esforçava-se por olhar mais adiante, atravessar a cortina de nevoeiro. Via uma parte do mar e, para os lados do barranco, a mancha escura do mato. Então escutou a buzina, o som agora prolongado e triste da buzina do pombeiro, que parecia vir lá do centro da vila. Naturalmente era o Doca da Durvalina. Isso mesmo, devia ser o Doca da Durvalina que vinha vindo de Ponta das Canas.

Mais tarde, quando rememorava o acontecimento, deitado em casa a olhar as paredes de grossos bambus tapadas com barro e cal, cheias de fendas, não podia explicar-se como achara o morto. Sabia que, de repente, encontrara-se a poucos passos dele e subitamente estacara, a olhar, sem compreender bem a princípio. E que em seguida um choque sacudira-lhe o peito e o coração começara a bater apressada e surdamente, embora não fizesse movimento algum que denunciasse agitação, apenas que se aproximara devagar do morto. Lembrava-se também que dissera para si mesmo

com uma curiosidade sem emoção, tal como se observasse algo comum e já esperado: “Olha só, olha só! Um morto!”

O corpo jazia de través na praia, as pernas mergulhadas na água. Jazia de costas contra a areia e os braços acompanhavam paralelamente o tronco, retos. Estava inchado, apresentava uma cor cinzento-esbranquiçada; tinha uma órbita funda e vazia, o olho esquerdo entreaberto e vidrado, o rosto mordido pelos peixes. Também roídos estavam os lábios, rendilhados de fina escuma, deixando entrever duas fileiras de dentes fortemente cerradas.

- Um morto!

E, no entanto, quem seria? Nem um sinal que revelasse pessoa conhecida. Uma cinta de couro prendia os trapos do que fora calça. A coxa direita tinha uma cova; terminava num osso. Mais tarde, em casa, sentado no banco de madeira da cozinha, enquanto via os filhos brincarem amontoados no chão batido e a mulher, baixota e prenha, que fritava uns peixes no fogão de lenha, recordara-se que o morto não tinha sexo. Espantara-se, até, por não ter dado muita atenção a esse fato, quando o encontrara. Mas assim o encontrara, limpo o osso da bacia, sem sexo, o morto.

Nisto, ao levantar os olhos, lobrigou no nevoeiro a silhueta negra de alguém que se aproximava montado num cavalo. “É o Nezinho”, pensou. Imediatamente curvou-se sobre o cadáver e arrastou-o pelos ombros para o meio da praia, ficando em pé, e a cachimbar, na espera do cavaleiro. A silhueta se foi delineando, tomou forma conhecida. Breve, envolto numa capa negra de pano grosseiro presa ao redor do pescoço, Nezinho estacava o animal junto do cadáver. Fitou o corpo durante alguns instantes, do alto do cavalo, sem dizer palavra, com os olhos sérios e espantados. Saltou, depois, chegando-se mais, examinando o morto. Era um

indivíduo pequeno, ruivo, de rosto gretado. Usava uma correia no pulso esquerdo.

- Como foi?

- Topei na praia, agora.

Nezinho fixava o morto. Súbito, os sulcos do rosto distenderam, a boca se repuxou, umedeceram-se-lhe os olhos, ele estremeceu o corpo numa ânsia de vômito.

- Arre! - disse, cuspidando na praia.

O cavalo, muito manso, permanecia no lugar, imóvel, a cabeça abaixada, os olhos sonolentos. Conversaram os dois homens sobre o morto. Nezinho tornou a montar, deu meia-volta, saiu em busca de providências.

Sozinho, pensou coisas esquisitas. Pensou que ele estava ali porque as árvores também nasciam e secavam nos seus lugares, como o mar estava sempre ali e a praia e as montanhas e os galos e os cachorros, ali e em todos os lugares, que ele estava ali como outros estavam em outros lugares. O morto não tinha importância. Ele também não, nem os peixes, nem o mar. A árvore secava, vinha outra árvore, outra. E lembrou histórias impiedosas, malvadezas que em criança lhe contaram de Pedro Malazarte. O vagabundo vendendo o cadáver da mãe; o vagabundo entrando no céu e ludibriando a São Pedro. E vieram-lhe em seguida recriminações da mulher: "morre e não arranja nada." "É preciso arranjar?", pensou. Pode-se viver sem arranjar? E lembrou que em pequeno uma vez encontrara um búzio na praia e ficara escutando por horas o seu zumbido lamentoso, como a voz perdida de um mundo fantástico no fundo do mar. E súbito reconfortou-se com a ideia de que os filhos cresceriam e o ajudariam na velhice. "Daí, sim!", quase sussurrou, sem saber por que. "Daí, sim!"

Em parte já se tinha dissipado o nevoeiro quando os homens trouxeram a carreta. O sol era uma roda enorme e clara acima das montanhas, do outro lado, no céu ainda pintado de nuvens. A praia enchera-se num instante de curiosos. Mulheres descalças ou usando tamancos, os cabelos arrepiados; crianças pálidas e barrigudas; rapazes magros, mas fortes, os braços riscados de tatuagens; velhos de cara escovada pelo mar. Agitaram o ar com os seus palpites, as suas exclamações e gritos. O morto foi depositado na carreta, um lençol cobrindo-lhe o corpo. Logo o cortejo se pôs em movimento, com lentidão, para o centro da vila.

Mais tarde, ele voltava para casa e revia as marcas de seus próprios pés gravadas na areia. Inexplicavelmente, sentia o coração leve; qualquer coisa semelhante à alegria levava-o a colorir de modo mais otimista os arbustos secos que via além do barranco. Iniciava o inverno e ele pensou: “Vai começar o tempo da tainha.”

Cardumes férteis sulcavam o mar, no seu pensamento. Antes de chegar à casa de veraneio avistou de longe o cachorro, sentado no varandão de cimento, a cabeça levantada, as orelhas em pé, o olhar alerta na sua direção. Depois latiu e se aproximou, fuçando-lhe os pés, pulando-lhe nas pernas, encolhendo o rabo, baixando as orelhas. Seguiram então para casa, enquanto ele, de repente, foi assaltado pela agradável mas inútil sensação de que estava vivo.

RICTO

Estranho: não tivera medo. No trajeto do automóvel sentira a barba por fazer. Olhava, então, o bonequinho de cortiça que dançava sob um cordel frente à vidraça do carro. Um palhaço minúsculo e grotesco, a saltar no espaço e a rir-se. O homem de sobretudo cinza, louro e magro, recostava-se no assento da frente, acompanhava distraído o correr das árvores e das casas, fora, vultos fantásticos dentro da noite. “Aonde iriam?”, perguntara-se. Espremia-se no assento traseiro entre os indivíduos que, há menos de meia hora, tinham-no obrigado a subir no carro. Subitamente os dedos sentiram a barba áspera no próprio rosto e, surgindo do inconsciente, veio a lembrança da mãe. Há muitos anos.

Ali, agora, os olhos adivinhavam a praia deserta alongando-se pelas trevas. Luzes distantes, na cidade. Não tinha certeza: parecia-lhe que o homem louro e magro, de sobretudo cinza, fora o último a saltar e batera com violência a porta do carro. Como poderia ter alguma certeza? Era impossível raciocinar claramente, dado o imprevisto e a rapidez dos fatos. Quatro mãos imobilizaram-lhe os braços, empurraram-no através do pequeno pasto que beirava a praia. O homem louro e magro investigava os arredores, desaparecera na sombra.

Nuvens espessas escondiam as estrelas. Junto da cerca de sarrafos que limitava o fundo de uma chácara, procurava ele não encarar os dois rostos silenciosos a sua frente. Constrangia-se, ainda sem ter medo. Julgar que tudo, enfim, não passava de acontecimentos absurdos constrangia-o. Por que estava ali? Aqueles homens, que desejavam? Tinha

bem verdade dentro dele, a pulsar continuamente, numa pressão gélida e implacável, o conhecimento exato do que fizera e a razão clara desses acontecimentos. Mas era algo que ele não queria acreditar agora. Não podia. A verdade era o sem sentido e o ilógico de tudo isso. De todos os atos, presentes e passados. Um cheiro enjoativo vinha do mar, e da praia, onde se espalhavam detritos.

Estremecera, no entanto, à volta do homem louro e magro, de sobretudo cinza. Apreensão animal, quando adivinha o perigo. Viu-o aproximar-se dos outros dois. Falar com a voz medida e fria.

- Tudo bem - disse, e riu baixo. - Ninguém aí perto, podemos acertar com tranquilidade o nosso pequeno caso...

Os dois homens grunhiram satisfeitos. Um deles acendeu o cigarro. Ouviu-se o sacudir da caixa de fósforos, o ruído vagaroso do palito sobre a lixa da caixa (os olhos postos nele, sem distração), um estalo e um clarão.

Os rostos. Medo? Não era medo. Nem os rostos eram-lhe totalmente desconhecidos. Frequentemente os encontrava na cidade, num lugar ou noutra. Estavam num café, a conversar, ou parados nas esquinas. Um deles era redondo, cheio, de olhos empapuçados, inchado da bebida. O segundo era moreno e quadrado, de nortista. Pareciam não ter ocupação definida. Intrigou-lhe o fato de que indivíduos antes sem importância e significação para ele, de uma hora para outra assumissem, sob aparente naturalidade, aquele aspecto terrível e ameaçador. Dominavam-lhe as ações. O homem louro e magro olhava-o ironicamente.

Inquietante aquele não dizer palavras, aquelas atitudes estáticas e misteriosas. No íntimo inquietava-se ante a calma inimiga, pressagiava-lhe curta duração. O rosto inchado, de olhos empapuçados, mexeu-se

impaciente, sugou o cigarro, lançou a fumaça num sopro rápido e nervoso:

- Podemos começar? - disse.

Começar? A vizinha anasalada partia de uma boca pequena, de lábios finos e contrastava com o rosto redondo, deformado e flácido de seu dono. E a sugestão de violência que era o significado daquele som impressionou-o horrivelmente. Voltou a cabeça para um lado. Ruídos constantes e audíveis não alcançam os nossos sentidos quando o cérebro está concentrado. Apenas agora tornou a ouvir o sussurro das maretas, na praia, lento, ritmicamente preguiçoso e derramado. Mais estranho: tomou consciência de súbito do lugar em que se achava e das coisas que o rodeavam: a chácara ali atrás, vultos de árvores para os lados da estrada, o mar, um farol piscando, longe. Os rostos a sua frente. O céu pesado e sem estrelas. Aquele cheiro opressivo de maresia.

As pernas amoleceram com ligeiro tremor. Sentiu que o corpo relaxava. Se reagisse? Os braços eram impotentes para uma reação. Lembrou-se de Jorge. Há quinze anos, Jorge o derrubara frente à garotada da rua, apertara-lhe o pescoço, ajoelhara-se sobre os seus braços, que se estendiam ao comprido sobre o chão, e esmurrara-o. Ele se estorcia, mas era inútil. Os joelhos de Jorge imobilizavam-lhe os braços. A garotada aplaudia e vaiava ao redor. Foi cessando aos poucos a resistência. Deixou-se surrar. A dor que o peso e as bofetadas de Jorge lhe causavam por fim era quase prazer, um prazer doloroso... Lembrança humilhante. Olhava desde então as pessoas com desconfiança, fruto de um ambíguo e inexplicável sentimento. O sorriso que lhe iluminava a face, forçosamente, às vezes nos momentos mais inoportunos, irritava-o. Diante do espelho, em

quantas ocasiões já examinara com um misto de desgosto e impostura o bigode negro, que pintava no rosto moço uma ilusão de hombridade, de convencional masculinidade? Não haveria por trás daquilo algo de perverso despertado por aquela antiga lembrança?

O homem de rosto inchado e olhos empapuçados atirou no chão o toco de cigarro. Viu um pé levantar-se e esmagar o toco, em movimento que denotava um hábito.

- Vamos começar?

- Ainda não. - Sentia o olhar agudo do homem de sobretudo cinza penetrá-lo. - Vamos escutar o que o nosso amigo tem a dizer. - Riu baixo. - Então? Que tem a dizer?

Mas não esperou resposta. Deu alguns passos, as mãos mergulhadas nos bolsos do sobretudo, a cabeça baixa, numa atitude de quem reflete profundamente. Parou de súbito, voltou sobre os mesmos passos, estacou outra vez na frente dele.

Um sobressalto: passava um carro mais adiante, na estrada. A luz dos faróis iluminava as árvores num grande círculo. Se gritasse, pedindo socorro? O nortista adivinhou-lhe o pensamento, um revólver surgiu na sua mão esquerda. Esperaram em silêncio que o automóvel desaparecesse.

- Então? Não responde?

O homem de sobretudo cinza deu um passo à frente, o seu rosto ficou a um palmo de distância do rosto dele. Os olhos frios perscrutavam-no, lúcidos e tranquilos.

Suava. As pernas tremeram fortemente. Por que se acovardava de súbito? Que impulso leva alguém a ter medo? E medo de que, se em teoria a morte lhe era indiferente? Irritou-se com a súbita covardia, com a súbita contradição entre tudo o que parecia acreditar e aqueles dados concretos da realidade. Uma onda de calor invadiu-lhe o rosto.

- Não fique aborrecido. - O homem de sobretudo cinza riu baixo. Analisava-lhe friamente as reações interiores, como se as conhecesse de longa data. - Naturalmente você sabe a razão por que o pegamos, não é? Acontece, meu caro, que você se inicia muito jovem num jogo terrivelmente adulto. Os seus comentários jornalísticos podem ser frutos da impetuosidade e da inocência, mas a verdade é que começam a incomodar o nosso lado. E nós fazemos parte de uma máquina, ou um sistema, meu caro. Uma imensa máquina que se movimenta segundo um esquema lógico e rigoroso e que não pode admitir ruídos, nem mesmo os ruídos da gratuidade e da inocência. Nós o trouxemos aqui para uma pequena e rudimentar advertência, para... - riu baixo - para que você comece a aprender que nessa esfera de acontecimentos os atos, tanto os de um lado como os de outro, devem ser o mais possível estritamente calculados, estritamente... racionais. Que as ideias giram dentro de círculos de interesses e um erro deve trazer consigo desagradáveis responsabilidades...

- Eis aí - continuou o homem de sobretudo cinza, e tornou a rir baixo - um discurso muito antigo, mas que é sempre oportuno. A partir de hoje acredito que você saberá fazer mais claramente as suas escolhas. Vocês também não acham isto, rapazes?

Os capangas se limitaram a rir. Evidentemente não haviam entendido muito bem o que dissera o homem louro e magro. O rosto inchado, de olhos empapuçados, fez uma careta, voltou-se para um lado e cuspiu no chão. O nortista apenas semicerrou os olhos mongóis e entreabriu os lábios, mostrando os dentes.

- Não demora chover - impacientava-se o homem de rosto inchado. - Podemos começar?

O céu carregava-se de nuvens. Principiava a cair o vento sul, agitavam-se as árvores e tudo em volta parecia mais escuro. Acentuavam-se as ondulações do mar, que vinham ter à praia num rebentar monótono.

O homem de sobretudo cinza se afastou uns passos.

- É no entanto bastante instrutivo - disse, como se falasse consigo próprio - renovar o exemplo, sempre que necessário. É interessante verificar em cada novo caso como reagem as figuras quando algo de insólito lhes acontece. Algo inesperado, que nos possibilite ver o que existe além da máscara de segurança que eles habitualmente apresentam.

Súbito agitara-se, ele, numa exacerbação humilhante, cheia de cólera:

- Crápula! Crápula filho da puta!

Gritara com todas as forças para o homem de sobretudo cinza. Cegava-o a fúria. Avançou a cabeça para adiante com as feições transtornadas e encharcadas de suor. As mãos, voltadas para as costas, agarravam como tenazes os sarrafos da cerca. O corpo magro, sustentado contra a cerca, dobrara os joelhos e inclinara o tronco para frente. Mas agora, fugia-lhe rouca a voz, num grito desesperado, último:

- Filho da puta!

Os três homens olhavam-no surpresos. Fez-se uns instantes de silêncio. Aos poucos pareceu compreender o grotesco e inútil do seu impulso. Invadiu-o uma sensação de aniquilamento, de angústia definitiva. A cabeça pendeu sobre o peito e ele chorou. Fortes soluços histéricos, que brotavam do fundo das entranhas, sacudiram-lhe o corpo. Achava-se vergonhoso e miserável.

O homem de sobretudo cinza observava-o curioso.

- Podem começar - disse, e se afastou dali, desaparecendo nas sombras.

Os capangas se aproximaram. O homem de olhos empapuçados rebentou-lhe uma bofetada na cara. A cabeça deu um giro, os cabelos lisos desalinham-se sobre a testa. Aprumou-a de novo e fixou uns olhos arregalados e fixos nos dois capangas, a expressão de quem repentinamente perdesse todo o raciocínio.

Espancaram-no sem piedade. Ficou estendido na praia, o corpo moído, o rosto a sangrar. Tornava-se difícil a respiração, e o peito subia e descia opressivamente.

Como num sonho ouviu um ronco de motor que se punha em movimento e que rapidamente se distanciava. Depois, o silêncio. Imagens vagas, enevoadas, subiam-lhe à tona. O corpo latejava. A figura da mãe, miúda, cabelos grisalhos, estava de costas a estender roupas no varal, no terreiro atrás da casa antiga de sua infância. Ela se voltou para ele, censurou-o com ar melancólico. Os olhos eram-lhe estranhos, todavia. *Não eram os olhos dela*, mas os de um ser remoto e, no entanto, familiar. Dolorosamente se esforçou por lembrar de quem seriam. Mas, sim! Era isto! E surpreendeu o rosto da mãe a transformar-se e surgir a cara negra de Fantoche, o cão policial que tivera na infância. Era ele! Viu-o, depois, transversalmente sobre a rua, atropelado, a cabeça coalhada de sangue, a boca aberta mostrando alguns dentes pontiagudos. Os mesmos olhos, porém, continuaram a mirá-lo.

A chuva fina, que peneirava, aguçou-lhe as dores. Levantou a cabeça pensamente. O mar rebentava na praia, estrepitoso. A luz do farol, distante, era uma nódoa trêmula. Apagava e acendia. Apagava e acendia. Pareceu-lhe um bonequinho de cortiça a dançar e a rir do espaço.

NEGÓCIO

Manhã fria de começos de julho. Na rua principal da cidade os transeuntes caminhavam parecendo sufocados em agasalhos, enquanto o sol, desmaiado e quase inútil, caía sobre homens e coisas.

Enfiado numa capa de gabardine surrada, mãos nos bolsos, Peixoto estacou na esquina da rua L... e ficou a olhar o bangalô amarelo no outro lado da rua. Havia um pequeno jardim de margaridas e dalias, separado da calçada pelo muro baixo e o portãozinho de madeira, pintado de vermelho. Peixoto demorou algum tempo observando o bangalô; guardava no rosto traços de receio, de indecisão. Por fim, sem tirar as mãos dos bolsos, avançou o corpo enorme e manco de uma perna na direção da casa.

Os sapatos velhos subiram dois degraus, aguardaram uns instantes, imóveis, na varanda de azulejo. Vasinhos de cactos nas paredes. Um pôr do sol desenhado em cores cobria o relógio da luz. Peixoto comprimiu o botão da campainha da porta.

Soaram passos num crescendo do interior da casa. A porta foi aberta de repente:

- Peixoto?! Que é que há?
- Bom dia, doutor Osni... eu...
- Entre um instante.

A perna manca foi arrastada para o interior de uma saleta. Poltronas e sofá de couro rodeavam a mesinha envernizada. Estante de livros a um canto. Um grande cinzeiro de prata sobre a mesinha.

- Pode sentar.

Peixoto afundou no sofá, desajeitadamente.

- Então, como está passando?

- Mais ou menos, doutor.

- Vão todos bem em casa?

- A gente vai vivendo... O menino anda meio encrascado, tomando remédio. Agora saiu-lhe umas pipocas pelo corpo, a gente não sabe o que é, a gente...

- Você já foi a um médico?

- Não, doutor... Tamos vendo se a gente cura em casa mesmo. Receitaram homeopatia, parece que é urticária...

- Você deve ir a um médico. Isso às vezes é alergia, causada pela alimentação.

Peixoto assentiu com a cabeça. Ficou a olhar, curvado no sofá, os próprios sapatos sobre o chão lustroso, brilhante.

- Mas, a que devo a honra? - O outro mostrou cordialmente os dentes, num sorriso animador.

- Bem, doutor Osni, eu... - Peixoto sentiu, súbito e antes, que era olhado com simpatia e alguma curiosidade pelo homem a sua frente e que as cores vivas do roupão do outro enchiam-lhe a vista. Observou, antes também, as pernas do pijama limpo e listrado que se entremostravam sob o roupão. Depois, o corpo enrijeceu e ele disse:

- É um negócio, um negócio pequeno... Um balcãozinho...

- Sim.

- Um balcãozinho de rua, algumas prateleiras, o senhor sabe... para vender jornais, revistas... Já tenho a licença da prefeitura, o alvará, tudo legal...

- Mas você está desempregado?

- Não, doutor. Mas é como se estivesse... O senhor sabe, o emprego dá pouco, salário mínimo... a gente tem mulher, filho... Eu cuido de noite e...

- Sim.

- A gente precisa de um biscate, né? Ah, ah, ah, ah! - uma risada áspera, inoportuna, mas irresistível, sacudindo-lhe o corpo.

O outro pareceu concordar com a cabeça, sério. Um silêncio incômodo invadiu a saleta. ("É preciso", pensou Peixoto. "*É preciso convencê-lo*") E por que não? O outro o olhava com os seus olhos cinzentos e irônicos; não tinha importância. Era um rosto de linhas severas, mas agradável. Nada tinha importância agora, a não ser as atitudes para convencê-lo, para convencê-lo, *para convencê-lo*.

- Me diga uma coisa: onde vai conseguir as revistas? Já fez algum contrato? Você sabe, estas coisas precisam de garantias. Vai mandar buscar fora? Como vai fazer?

- Bem... - Peixoto inspirou profundamente. - Há uma distribuidora aí... Distribuidora "Castro Alves"... Mas, no princípio, é difícil conseguir... No princípio, o senhor sabe... - lançou os braços para o ar, num gesto brusco e sem significado - a gente arranja aqui e ali... A gente...

- Sim, sei.

- A gente não tem dinheiro... A gente... Neste país...

- Como assim?

- Bem... É tudo difícil, tudo abaixo de pistolão... Os políticos...

- Meu amigo, lembre-se que eu sou político... - o outro compôs imediatamente uma fisionomia grave. - Você não sabe bem o que está dizendo. Seja embora impossível fazer milagres, empenhamos o máximo de nossas ações para que

haja igualdade para todos. O seu caso não é dos mais fáceis de serem resolvidos, digo-o desde já. Ele envolve questões que, em boa medida, estão fora de meu círculo de relações... Mas vou empenhar o máximo de meus esforços para tentar ajudá-lo. Vou empenhar...

(Ouvia distraído as palavras jorrarem dos lábios do outro. *Era preciso escutá-lo.* Era).

Depois novo silêncio invadiu a saleta. Peixoto tremelicava a perna direita com nervosismo. A fisionomia do outro se abrandou outra vez:

- Onde vai ficar o balcão? - perguntou.

Sobressaltou-se sem causa. Respondeu apressado:

- Na rua T... Não é mau... O senhor sabe, saída de cinema...

O outro mirava-o longamente, em silêncio. Esboçou em seguida um esgar divertido.

- Quer dizer então que o senhor vai ser comerciante?

Peixoto riu constringido e olhou para os sapatos. A perna direita continuava a tremelicar.

- Então, diga-me em que lhe posso ser útil neste momento?

- Bem, doutor... - Peixoto se agitou no sofá. As mãos entrelaçaram fortemente os dedos, uma da outra. - Só falta o balcão... Trezentos cruzeiros... O carpinteiro, o senhor sabe, cobra muito... A vida está ficando cada vez mais cara... Eu pagava... eu... o senhor sabe... Lá em casa temos dois votos... eu, a mulher... eu... por isso...

A manhã continuava fria. Com as mãos enfiadas nos bolsos da gabardine, Peixoto procurou as ruas estreitas e desertas. "E agora?" A interrogação persistia no cérebro confuso. "E agora? E agora? E agora?" Um travo amargo

de humilhação no íntimo. Um ódio indefinido e irracional contra ele mesmo, contra aquelas ruas mesquinhas, contra os fiapos ridículos de nuvens que via no céu. Bares ordinários e ruidosos sucediam a cada esquina, em antigos pardieiros.

Entrou pela rua da praia, olhou as barcaças e as baleeiras apoiadas na areia, próximas ao Mercado Público. Negros e brancos, muito fortes e rudes, carregavam fardos sobre os trapiches. UM HOMEM A SERVIÇO DE SEU POVO, diziam enormes letras de piche em um muro. Casarões velhos, coloniais, espiavam-no passar, mudos, amarelecidos sob o sol.

De repente, ampla, surgiu a Avenida. O riozinho corria entre as árvores, como uma cobra. Peixoto seguiu adiante, lento, arrastando a perna manca, coração pesado, misto de insensibilidade e desalento.

ILHA DAS VINHAS

Foi em pequeno que a vi pela primeira vez. Perguntei o nome dela, responderam-me: “É a Ilha das Vinhas”. Ficava longe embora ainda ao alcance da minha vista, em meio à Baía Sul. Parece que brilhava sob os raios do sol, que as suas pedras enrugadas e amarelas brilhavam, longe, no Oceano Atlântico.

- Ilha das Vinhas?

Os rapazes, na praia, quando eu era garoto, diziam num desafio:

- Quero ver é nadar até a Ilha das Vinhas!

Nunca fui lá, como nunca fui a qualquer parte; como sempre me traçaram os caminhos e vivi correndo em círculos e um dia encontrarei a morte. Os rapazes na praia algumas vezes falaram de homens, pescadores, que estiveram lá.

- Não tem nada lá - disseram. - Só areia e pedras.

Outros afirmaram que havia aranha-caranguejeira. Outros também falaram em gravatás. Que me importa? Às vezes, da janela de um edifício ou de qualquer lugar no alto, ou mesmo da Praça 15, surpreendo a Ilha das Vinhas, sem prestar muita atenção nela, pensando outros assuntos, da mesma forma como vejo sempre as coisas e as pessoas que sempre vi, minha mãe, meus amigos. Uma coisa que está a nossa frente, apenas existente, compondo um panorama à distração de nossos olhos e que, nas horas inevitáveis de desespero, nos agarramos na esperança de possível alívio.

- Você - disse-me um dia Clarice - é um indivíduo arrogante e tolo. Não crê em Deus, nem em mim, que é o mais importante. Você me olha como um simples animal passeando no mundo, cheio de ideias e problemas, com o qual se acha forçado a conversar. Aprenda a ter mais consideração pelas pessoas, viu? Não sei o que pensar de você. É uma ilha abandonada. Não quero mais saber de você - riu-se Clarice com uma agudeza transbordando despeito.

Estava no Miramar¹, a beber cerveja e aguardente; as risadas de meu amigo me irritavam. Era um dia de vento, o mar encrespava-se, sujo de cinza, o céu tampado de nuvens. O bar em que estávamos, o Miramar, parecia um medonho navio malcheiroso que se transformara em pedra e ali ficara, rígido, com a sua tripulação de bêbados. O meu amigo ria-se, dizendo que Florianópolis era uma ilha estranha, onde todos viajavam sem sair do lugar. As mais extraordinárias viagens e aventuras, dizia, eram realizadas nas mesas dos bares. E ria-se por isso.

Levantei-me enfiado, dei alguns passos. Surpreendi ao longe a Ilha das Vinhas entre ondas de cor cinzento-suja, envolta numa neblina espessa. “Ah, então estás aí?”, pensei. Não a reconheci muito bem. Não importava entretanto reconhecê-la ou não reconhecê-la. Ficasse lá, no seu lugar, como todas as coisas devem estar nos seus lugares. Como um império antigo que a gente sabe que viveu e se desintegrou. Atirei n’água o meu cigarro. Ficou boiando sobre as ondas, abriu-se, espalhou fumo, desapareceu.

“Ficasse lá”, pensei vulgarmente, “apagada, úmida, como um grito de afogado”.

¹ Antigo bar e restaurante de Florianópolis, hoje desaparecido.

• QUATRO ALAMEDAS (1976) •

O PROJETO

A Secretaria do Governo não autorizou qualquer divulgação do nosso trabalho enquanto não fosse inteiramente concluído. Permitiu o deslocamento de quatro funcionários, eu, o escriturário Jonas, a datilógrafa Eunice e o servente Getúlio, para um antigo casarão desocupado pertencente ao poder público. Ali deveríamos trabalhar no horário normal de expediente sem qualquer interrupção estranha.

Na verdade, ocupamos apenas duas salas das cinco existentes no casarão. O escasso material e mobiliário vindos numa Kombi foram distribuídos nessas duas salas, de modo que eu e o escriturário ficamos com as duas maiores mesas, a datilógrafa com o móvel necessário a sua máquina e o servente com uma pequena mesa para entrada e saída dos papéis de correspondência. Duas outras salas eram contíguas às que ocupávamos; a última, juntamente com o sanitário, se perdia no fim de um corredor sem iluminação, que após alguns passos dobrava abruptamente para a esquerda, alongando-se escuridão adentro. O antigo imóvel tinha as paredes manchadas pelo tempo; em vários pontos havia buracos que expunham a carnação avermelhada da estrutura interna, como profundas feridas ressequidas.

O projeto nasceu de uma antiga ideia minha que sofreu a incompreensão e o entrave de algumas administrações na Secretaria do Governo. O tempo foi útil, entretanto, para o seu amadurecimento e para a evolução de certos detalhes técnicos. Agora eu tenho certeza do êxito que vamos alcançar, revolucionando a estrutura do atual

sistema administrativo. A concordância da Secretaria do Governo para a execução desse plano significa a minha primeira conquista junto dos escalões superiores para a imposição das minhas ideias. Essa oportunidade não pode de modo nenhum ser desperdiçada.

Nos primeiros dias o regime de trabalho foi intenso. É possível que a mudança de local, associada às boas perspectivas que todos nós vislumbrávamos com a realização do projeto, tivesse injetado em nossas veias o ânimo de atividade geralmente incomum nos funcionários burocráticos. A datilógrafa concentrou-se todo tempo em pôr a limpo as tiras de papel repletas de anotações e cifras que o escriturário e eu lhe entregávamos. O servente andava para um lado e outro, obediente e circunspecto, executando as ordens que lhe eram dadas. Mesmo durante as breves interrupções que fazíamos para um lanche rápido ou um cafezinho, a conversa acabava por se conduzir para os problemas que deveriam ser enfrentados na continuação da tarefa.

No final do expediente, quando o servente fechava o casarão e todos íamos embora, eu levava comigo o entusiasmo de um dia transcorrido da forma como eu gostaria que fosse, pleno de resultados objetivos mediante o esforço desenvolvido com eficiência.

Meus nervos vibram quando fico entregue à meditação de uma ideia criativa. Cada minuto do dia ou da noite dedico-o ao enriquecimento dessa ideia, buscando com sofreguidão quase obsessiva aquilo que sempre procuro inserir nos meus atos, por miúdos e cotidianos que sejam: a racionalidade. Deito-me a pensar na formação de um quadro exato e ordenado de todas as variáveis do problema, faço indagações mentais, tento refutá-las, esquematizo

gráficos de conceitos e estruturas, até que as soluções vão nascendo com a força e a precisão da lógica. Muitas vezes as fontes latejam, o cérebro parece que vai estalar.

Começamos agora a segunda semana de trabalho. Desde ontem noto mudanças na temperatura. Há uns quinze ou vinte dias, embora o inverno já tenha deixado de existir na cronologia das estações, que um frio úmido e chuvas intermitentes são a constante. A partir de ontem a primavera começou a mostrar os primeiros sinais. O céu tem amanhecido limpo de nuvens, de um azul suave como um emblema de purificação. As pessoas nas ruas trazem roupas mais leves e coloridas e os seus movimentos parecem mais livres e desembaraçados. A datilógrafa apresenta continuamente uma alegria descontraída e contagiante; percebo que as suas pernas bem modeladas, que se mostram sob a saia curta, e parte de seu peito, com as formas delineadas dos seios debaixo da blusa justa e leve, de mangas curtas e esportivas, atraem de modo mal disfarçado a atenção inquieta do escriturário Jonas e do servente Getúlio. As conversas se prolongam além dos limites convenientes. Um pequeno acidente de automóvel na rua frente ao nosso casarão fez com que, de repente, todos eles se precipitassem para a rua com um desinteresse pelas tarefas que me pareceu assustador. Fiquei só, a minha mesa, bastante preocupado.

Curioso como as pessoas simulam atenção. Convoquei todos os meus funcionários para uma pequena entrevista, na qual tentei expor de modo simples e convincente (utilizando-me, é certo, de alguns ardis psicológicos) a importância inédita que o projeto viria dar a todo o sistema administrativo e insistindo na urgência e seriedade que nós todos deveríamos emprestar para a sua realização.

Argumentei com o fato de que nós mesmos seríamos no futuro os maiores beneficiados. Fui observando que os três rostos a minha frente olhavam-me com respeitosa deferência e que todos instintivamente esperavam os tons mais enfáticos ou os instantes mais enérgicos da peroração para pontuarem com a cabeça a sua concordância. Mas também pude sentir que as minhas palavras não atingiam o fundo das consciências, que não sensibilizariam aquelas mentes desabitoadas aos exercícios mais profundos e que talvez seriam esquecidas dentro de um dia ou dois. Aqueles rostos solenes e aquelas atitudes de compreensão, ali, na minha frente, eram uma grotesca farsa armada por alguns séculos de hipocrisia e gratuidade intelectual, num sistema em que tudo se procura obter mediante a encenação consciente e estudada, sem nenhum esforço correspondente para a profundidade de objetivos.

Tivemos alguns dias de trabalho sério e compensador. Há quatro ou cinco dias remeti os primeiros resultados do nosso esforço para a apreciação da Secretaria do Governo. Obtive a resposta de que eles estavam sendo postos em experiência com resultados satisfatórios e que nós deveríamos prosseguir. Aqui no casarão voltamos ao ritmo dos primeiros dias, possivelmente em virtude da aprovação a que me referi. A datilógrafa Eunice insiste em usar as suas minissaias, mas ao que tudo indica não causam mais a impressão inicial no escriturário e no servente. Enfim, não poderia culpá-los. Às vezes levanto os olhos dos papéis e me surpreendo a contemplar distraidamente aquelas coxas tão morenas e atrativas.

“O importante”, penso muitas vezes enquanto dirijo meu carro pelas ruas ou quando estou em casa, deitado no escuro, a ouvir música e a olhar um pedaço de noite além

da janela, “o importante é não esmorecer um só minuto; o pensamento e a ação, coordenados, devem entregar-se a uma luta tenaz para a perfeita execução dos objetivos. Os obstáculos têm uma existência óbvia e sempre presente. O importante é saber senti-los para eliminá-los com a força da razão.”

É inacreditável! Nunca poderia imaginar que isto acontecesse. Senti hoje, de repente, o frêmito de inquietação e temor que se revelava nos gestos nervosos, nos olhares assustados, no desassossego inusitado do escriturário e da datilógrafa. Eles cochichavam entre si, mergulhavam com frequência nas salas vazias do casarão e retornavam em seguida, olhando de soslaio para os lados, pisando de leve e nervosamente o assoalho, como pessoas para as quais qualquer movimento imprudente pudesse acarretar nefastos sortilégios. Várias vezes interromperam o trabalho que estavam a executar, quando então se repetiam os cochichos, os gestos nervosos, os mergulhos nas salas vazias, os olhares assustados. O estranho acontecimento me foi por fim comunicado: o servente Getúlio desaparecera! Como assim? Isto mesmo, desaparecera! Exatamente às quinze horas e trinta minutos, ele reunia sobre a mesinha de entrada e saída de papéis todo o material que deveria despachar neste dia e então se dirigiu para uma das salas vazias e foi visto a encaminhar-se corredor adentro, na direção dos sanitários. Depois disso, ninguém mais o viu. Procuramo-lo o resto da tarde pelos lugares possíveis inutilmente. No fim do expediente, o escriturário fechou o casarão e fomos embora, aturdidos e consternados.

Alguns dias após esse acontecimento absurdo, a mulher do servente procurou-nos para que formalizássemos

os seus direitos de pensão. Era uma mulherzinha de corpo franzino e rosto devastado pelo trabalho e pela dureza da vida. Já havia tingido de preto o vestido de pano grosseiro e considerava definitivo o desaparecimento do marido, no sentido de que ele não se encontrava mais neste mundo. “Ele era um homem *às dereitas*, doutor”, disse-me ela com expressão compungida e sem lágrimas. “Eu não posso entender o que aconteceu, mas sei com certeza que o meu Getúlio não existe mais.”

Evidentemente tudo agora se tornou mais difícil. A Secretaria do Governo nega-se sistematicamente a nos ceder outro servente. Afirma que nenhum deles se acha disponível, por ora, lotados que estão nas respectivas seções e departamentos. Além disso, instruções rigorosas existem para a não admissão de novos funcionários no serviço burocrático. Não posso compreender isto. Vejo um mundo de gente ociosa a locupletar as salas e corredores da Secretaria; gente que poderia ser deslocada perfeitamente para aqui ou ali, obedecendo a uma planificação inteligente e global. Essa gente no entanto possui misteriosos poderes, inamovíveis direitos, recônditos mas inabaláveis privilégios, que a imunizam contra qualquer tentativa de racionalização. Certamente, devido às falsas e desonestas experiências que, em fases anteriores, políticos profissionais chamavam de “racionalização administrativa”.

(Não posso pensar desta maneira, não posso! É claro que estou sendo impressionado por fantasmas de uma situação ultrapassada, ou pelo menos em vias de se ultrapassar. Preciso acreditar no meu esforço, confiar no poder das atitudes racionais e na força da ação inteligente. É preciso crer que o meu projeto poderá trazer a solução

revolucionária para os erros que se cometem. Não posso alimentar pensamentos derrotistas; nem desistir.)

O escriturário Jonas vem assumindo um comportamento inédito e extraordinário. Sem qualquer solicitação da minha parte ele se desdobra em dupla atividade, com tal despreendimento que me comove. Às sete horas da manhã, já ele aqui se encontra e abre as portas e janelas do casarão, não esquecendo mesmo de limpar o assoalho com uma vassoura. Devo dizer, no entanto, que esse empenho me afigura ser realizado a despeito de algum constrangimento interior, tendo-se em vista a excessiva jovialidade e o exagerado entusiasmo com que ele condimenta os seus movimentos durante a execução dessas tarefas “de servente”. Ri com afetada naturalidade das brincadeiras pontuadas de malícia que lhe dirige por vezes a datilógrafa. Senta-se depois à mesa de escriturário e assume o seu papel. Quando necessário, ele mesmo providencia a saída de documentos e da correspondência. Estamos trabalhando todo o tempo com afinco e renovada obstinação. Acredito que o projeto estará concluído dentro do prazo determinado pela Secretaria do Governo.

Teque, teque, teque, teque, teque, teque. A datilógrafa Eunice veio até minha mesa, hoje, pedir-me para sair algumas horas antes do término do expediente, por não se sentir bem-disposta. Na verdade, seu rosto apresenta uma palidez terrosa e uma sombra mal disfarçada pelos cosméticos encova-lhe os olhos. *Teque, teque, teque, teque, teque, teque.* Eu e o escriturário Jonas há dois dias revisamos a imensa lista de códigos de funções que o meu plano estabelece e que visa a ordenar a emaranhada teia de nomes de cargos, atribuições e especialidades no serviço administrativo. É a parte árida da tarefa, que desce do plano

conceitual e das orientações genéricas para os detalhes de execução enfadonhos e exaustivos. Afora o ruído das teclas da máquina de escrever, *teque, teque, teque, teque, teque, teque*, a nossa sala é dominada pelo silêncio da concentração. Concentração e tensão. Sim. Devo confessar, tenho os nervos tensos e percebo que ocorre o mesmo com o escriturário Jonas. É como se um estranho fluido, ténue mas poderoso, estivesse a se infiltrar pelas janelas adentro, penetrando-nos lentamente as entranhas, envenenando o nosso íntimo com misteriosa inquietação. Como o pressentimento de algo desconhecido que pudesse acontecer. *Teque, teque, teque, teque, teque, teque*. O que poderá acontecer não sabemos por que e de que modo evitar. É bem isso, inquietação interior, semelhante à que senti ontem à noite enquanto ouvia uma gravação de César Franck, espiritual, torturada, dilacerante, sob a aparência ilusionista da disciplina formal e da arquitetura clássica. *Teque, teque, teque, teque, teque, teque*. O escriturário Jonas ergue a cabeça, atônito. Lança o olhar atormentado na minha direção. *Teque, teque...* A datilógrafa se levanta de súbito e caminha apressadamente para as salas vazias. Nós ficamos a ouvir os ruídos de seus passos, que vão diminuindo de intensidade, sempre mais distantes e abafados, quando penetram o corredor escuro na direção dos sanitários.

FUSCA GELO

“Leve este aqui” – disse-me o homem da agência. Era uma límpida manhã de julho em fins dos anos 1960. O homem da agência usava um pulôver cinza-escuro, tinha cabelos ruivos, nariz adunco e os olhos amarelo-opacos de um tigre cansado.

Aceitei a sugestão, levei o fusca azul, 68. Já nos primeiros dias, devassei as ruas estreitas e tortuosas da cidade, ruas em parte calçadas de paralelepípedos e cruzadas umas nas outras, como um labirinto construído por um bufão. Mas correr as ruas no interior daquela máquina era um poder novo, surpreendente, que me alçava a outro status de ilusório envolvimento. Foi quando, no intervalo de uma sinaleira, transição do vermelho para o verde (a tarde, violeta, amena), percebi o outro Volkswagen, ao lado do meu, também à espera do momento da partida.

Era um fusca gelo, talvez 67. Conduzia-o um rosto longo e peregrino, os cabelos negros e curtos. Provocante mancha colorida sobre uma tela brilhante, estrela-do-mar de unhas longas, escarlate, olhos esverdeados, um tanto oblíquos, pontuados de intenções, que me olhavam. O desejo, súbito, na forma de uma atenção alerta, músculos em vibração, conjunto de sucessivas imagens voluptuosas, mal percebidas pela mente enevoada. O espinho ferindo o ser insatisfeito, que se abandonava, num ápice. Era preciso segui-lo. Era preciso seguir o Volkswagen gelo, aquele fusca gelo.

Quando o verde apareceu na sinaleira ele arrancou, adiantando-se ao meu, em grande velocidade. Outros

carros se puseram de permeio antes que eu pudesse manobrar para aproximar-me. No instante de engatar a terceira, o Volkswagen gelo dobrava a quarta esquina para a direita. Entrei na segunda esquina à direita certo de segui-lo pela rua paralela, mas ao chegar ao próximo cruzamento eis que inesperadamente vinha ele agora em sentido transversal, passando pela minha frente. Eram enigmáticos, intencionais (eu tinha certeza disso), os olhos esverdeados que me olhavam. Canção de apelo, pensei. Ondas na praia, que depois fogem devagar.

Esperei que passassem dois ou três automóveis (não havia sinaleira neste ponto do labirinto) antes de dobrar para a esquerda. Fui, fomos por uma ruela de casario baixo, pequenas lojas de armarinho, sapatarias modestas, armazéns com sacas abertas à entrada das portas, bares apertados entre paredes estreitas, lojas de alfaiates quase falidos. Seguíamos em fila indiana, a minha frente um fusca vermelho, mais adiante um amarelo queimado, atrás um fusca abacate e, ainda além, na frente de todos, o fusca gelo. Duas pequenas manchas de fogo no espelho retrovisor. Um guarda apitou noutro cruzamento, estendeu os braços impedindo a passagem. Ficamos eu e o fusca vermelho à frente imobilizados. O fusca gelo teve desimpedida a passagem, dobrou novamente para a esquerda dois quarteirões adiante, desaparecendo da minha vista.

Perceber todas essas coisas era constatar indefinível ausência íntima, ansiar a possibilidade de outro trajeto mais pessoal, mais verdadeiro. Pensei: ele seguiu para a Avenida da Liberdade.

Senti a descoberta de pequenas vibrações interiores na Avenida da Liberdade, tal como o mergulhador sente o frio impessoal e lúcido quando afunda uma camada a mais

na solidão de um mar tranquilo, próximo a coisas mudas e semoventes. Estar sentado ali, estar correndo e sentado ali, no seu carro, ante um volante, era ser um homem que girava com as mãos um círculo de imprevistos. Mais do que nunca os pés condicionados, pulando sobre pedais, guiavam o espírito. A avenida abria-se em duas pistas asfaltadas, cortava longitudinalmente a cidade da orla da baía sul à orla da baía norte. E tudo era tão pequeno! Dezenas, centenas de carros diversos, fuscas inúmeros, trafegavam para cá e para lá, imprudentes, impudentes, na busca de qualquer feito excepcional que os justificasse. Eram todos uma tribo de homens sentados na velocidade, solitários na exíguo-controlada vertigem particular, que moviam pedais, puxavam alavancas, giravam círculos não inteiramente despojados de mistério.

Lá fora se movimentava agora uma outra gente, que nos olhava com inveja, com temor, com despeito ou disfarçado interesse. Fingíamos não perceber, porque isso fazia parte dos cálculos miúdos e egocêntricos da nossa tribo. Rapidamente nos distanciávamos, absortos em algo deslumbrante e falso, faísca de poder, um amor que existia em qualquer parte e que não estava em nós.

À medida que corria, ainda era possível ver as construções da cidade, aquele conjunto de telhados vermelhos, de chaminés, de frontispícios de casas, de andares superiores e terraços de edifícios (miríade de pequeninas janelas), de pobreza mal disfarçadas entre riquezas ostensivas, manchas verdes de pracinhas esparsas, enfim a cidade, reduto de seres vários, refúgio de seres vários, que a gente vai vendo desaparecer gradualmente com alguma tristeza, porque ali é infância, são ruas emotivamente devassadas, uma história de hábitos, de

pequenos e grandes dramas, pequenas e grandes comédias, de esquecimento da morte.

Mil veículos zuniam ao passarem pelo seu. Então, na orla da rodovia, as pastagens, os campos abertos, postes, placas de sinalização, casebres ao sopé de colinas, pedreiras, arvoredos, plantações. Em dado instante findou o asfalto, alongou-se uma estrada terrosa e poeirenta, marginada por sinistros bosques de fantasia. Onde estava ele? Onde estava o fusca gelo?

Num instante a tarde violeta, julho, declinou, apertada, fria. Que adiantava seguir além no encaço de outras miragens? O torpor e o desalento fizeram-no estacionar no acostamento deserto. Próximos ao redor, árvores robustas e silenciosas, conciliábulo de bananeiras, cachos verdes suspensos, grandes palmas retalhadas como leques impossíveis. Na tarde cor de vinho a massa verde de sonho tinha conotação de mistério, a mesma sombra irreal de páginas lidas nas histórias infantis, imprimindo indefinível velocidade interior aos devaneios. Podia sentir, espiando-o naqueles ermos, cabecinhas de gnomos e telhados musquentos de cabanas de feiticeiras, na forma de cogumelos. E podia saber que desejos e esperanças terrenos se congelavam ali, naquela fronteira de horizontes mais amplos.

AS ESTÁTUAS

Foi assim: o primeiro dia amanheceu límpido, sem aparência de mistério. As igrejas já abriam os sagrados portais, embora os sinos ainda estivessem mudos. Os primeiros homens vinham para o comércio, caminhando pelas calçadas, distraídos como sempre da paisagem, enredados como sempre no círculo dos pensamentos utilitários, como sempre absortos nos miúdos cálculos de lucros e perdas de suas vidas. E, então, de repente, viram.

As estátuas estavam no chão. Algumas quebradas, as cabeças ou braços isolados do tronco. Deitadas, outras, fora dos pedestais, dispersas sobre a relva dos jardins. Esculturas violentadas, símbolos recusados, tal cordas de harpa que arrebetam.

Daí o natural espanto, que se tripartiu em risos, súbita fúria, indiferença ressentida. Passou-se. Os poderes públicos apressaram-se em restaurar os ídolos, a população caminhou pelas calçadas como sempre o fez, os pais iam ao emprego, as crianças ao colégio, as mães reuniam-se para o chá e conversas ou visitavam os supermercados, ou simplesmente escravizavam-se no lar. À noitinha, todos eram uma família ao redor da mesa de jantar e um via no rosto do outro, sob o disfarce da ternura, o fatalismo da força de coerção das células. Passou-se e passou-se.

No segundo dia, precisamente duas semanas após, as estátuas estavam no chão. De cabeça para baixo, umas, apoiadas nos muros e pilares. Outras, as demais, como antes, estendidas na relva, partidas ou não. Desrespeitadas. Podia identificar-se, aqui, um poeta de busto altivo e olhar ferido.

Ali estavam os generais e almirantes de antigas batalhas, os que haviam varado espessas florestas tropicais à frente de estoicos e trôpegos batalhões, possuídos de estranho amor e febre pela terra e haviam chafurdado nos charcos empestados com os olhos fundos de angústia. Ou ainda os que ficaram meses e meses à proa de naus combatentes, açoitados pelos ventos úmidos, e atravessaram os grandes rios soturnos, açulando sempre com voz metálica a tripulação exausta para a nebulosa cidadela inimiga. Ali estava, sim, ali estava com os membros quebrados, o estadista de frases primorosas e dialética sutil, cujas palavras eram gumes que se cobriam de glória e louro a cada missão em terras estrangeiras. Ali estavam todos, os heróis de várias bravuras, que as populações por longas datas aprenderam a venerar, atirados no chão, eles todos, impiedosamente. Os primeiros homens vinham para o comércio, no dealbar tranquilo, os pensamentos enredados na fútil e cotidiana aritmética, e viram. Sim, viram. E então se alarmaram.

Por quê? Quem? Mas por quê?

Ninguém sabia. Entretanto, medidas preventivas foram tomadas. A partir de certo momento as famílias começaram a recolher-se mais cedo. Cerca das vinte e duas horas, a maioria das casas apagava as lâmpadas e centenas de pessoas estendidas em suas camas, com os olhos abertos na escuridão, por todos os pontos da cidade, ouviam o bater compassado das botas sobre o calçamento das ruas, quando patrulhas noturnas faziam a ronda de segurança, armados de fuzis e metralhadoras. Muitas prostitutas foram presas e tiveram os cabelos raspados.

Embora as autoridades o venham negando sistematicamente de público, afirma-se terem sido registrados alguns casos de tortura e bárbaro espancamento.

Anos se passaram e, no entanto, naquela cidade, o assunto jamais foi esquecido. À noitinha, na maioria das casas, pessoas irritadiças e cansadas se isolavam em torno de uma mesa. Os mais velhos diziam que o mundo já não era o mesmo. Os demais escutavam em silêncio, espetavam apressadamente os garfos nos alimentos, enquanto os olhos acompanhavam os falsos dramas desenvolvidos um ano inteiro nas telas de tevê.

Ninguém se referiu mais ao que acontecera. O que se podia notar em todas as faces, como o reflexo de uma nódoa que se espalhava no íntimo, era um palpitar de nervosa incerteza, como se soubessem todos que “aquilo” teria mais cedo ou mais tarde de acontecer, mas duvidassem que alguém ou alguma coisa pudesse um dia ocupar em suas mentes o mesmo espaço que outrora ocuparam as venerandas estátuas.

O VIZINHO

Normalmente trago serviços do escritório para fazer em casa. São gráficos, ou cálculos mais demorados, que exigem concentração, maior tranquilidade de espírito. Às sete e meia da manhã minha mulher vem acordar-me no quarto e eu sei que, sobre a mesa da cozinha, já existe uma toalha bem limpa, um bule fumegante de café, xícaras, pratos com pães e frios a minha espera. Das oito e meia às dez adianto o meu serviço de casa e depois vou para o escritório da firma, na Avenida Central.

A casa onde moro fica afastada da trepidação e dos ruídos da cidade, sem estar fora da cidade. Embora a vizinhança seja um tanto heterogênea, a rua é ótima, muito sossegada e adequada às exigências de repouso e concentração mental de meu trabalho. Minha mulher e eu nos habituamos a uma existência de recolhimento; raramente saímos para passeios e recebemos poucas visitas. À noite assistimos programas de televisão, lemos as reportagens das revistas que compro e vamos, por fim, dormir. Sempre me agrada pensar no que frequentemente ocorre umas duas ou três vezes por semana, quando vamos deitar. Ficamos nus sobre a cama, deixamos a luz acesa e procuramos imaginar prazeres, com a delirante e irresponsável premeditação de duas crianças endiabradas e perversas.

Nos últimos dias, o que vem acontecendo na casa vizinha, que tem novos moradores, deixa-me preocupado e está perturbando o meu trabalho matinal. Eu não conheço esses novos moradores, nunca os vi, creio. A casa deles,

naturalmente alugada, é das mais modestas da rua; um longo mas estreito retângulo, com a frente de tijolos e os fundos de madeira. É de uma das janelas dos fundos, onde suponho ser um quarto, que têm vindo os sons de gemidos, intermitentes, repassados de dor, todas as manhãs, nos últimos três dias, quando estou trabalhando.

Sou um indivíduo sensível a essas coisas. Procuo sempre furtar-me aos espetáculos que possam sugerir dor e sofrimento. Mesmo agora, neste caso, a despeito de se tratar de um estranho que nunca vi, não consigo ter a mente clara para os meus cálculos. O espírito se turva, fica pesado, parece-me que os gráficos não apontam a exata solução que deveriam apontar.

Como assim? Mente clara? Exata solução? Faz alguns dias que escuto esses gemidos e começo a duvidar se existe realmente a exata solução. Percebo que dez anos de convívio com esses gráficos, preso ao fascínio da certeza, podem ser abalados pelo mistério recôndito em alguns sons. Esses sons que vêm agora pela janela saídos da garganta de um ser humano, mas que têm na verdade a aspereza e a angústia selvagem de um animal que estertora.

Hoje levantei na hora de costume, mas não me dispus a trabalhar. Depois do café saí para o pequeno pátio aos fundos, que serve de quintal. Um muro velho de um metro de altura separa o meu terreno das áreas vizinhas. Há um corredor cimentado bastante estreito que ladeia toda a casa. Ao caminhar por ali, vejo que o pequeno quintal se encontra quase que entregue a si mesmo, num completo desleixo. O mato invade o canteiro de hortaliças; nos cantos ao pé do muro deixaram algumas latas e garrafas vazias. Surpreendo-me com o fato de há muito tempo não dar atenção a este

quintal, que me parece diferente de quando o vi pela última vez. Diferente, sim, porque antes talvez os meus olhos não o tivessem visto tão limitado e constrangedor. Tão pobre de horizontes e de beleza.

Era meu propósito, ao sair, examinar a casa do vizinho, não sei por que motivo. Por cima do muro, espiei para o outro lado e a casa estava lá, estranhamente silenciosa. Nenhum gemido vinha da janela dos fundos, que se achava fechada. Certamente dormia, o doente. De outra janela, mais à frente, podia ver através da vidraça parte de uma saleta modesta. Um armário de porta envidraçada, com pratos de louça, cálices ordinários, vidros de remédio. No chão, um tapete feito de retalhos coloridos, pobre e de mau gosto, evidentemente feito pela mulher. Na parede, uma moldura envernizada em forma de elipse com retrato do casal. Pelo que pude ver a distancia era um retrato bem antigo, no qual apareciam dois rostos formalmente solenes, com a seriedade atemorizada de dois seres que iniciam uma aventura comum que lhes parece insólita e inescrutável nas suas conseqüências. Ele, o marido, era magro e de rosto longo, um tanto ridículo debaixo do terno de noivado, tendo o pescoço preso numa gravata larga de riscos paralelos. Presentiria, por ocasião do retrato, que o tempo para ele não seria mais que a lenta transformação num gemido angustiado? É uma indagação idiota e sem sentido. Tal como quase tudo o que tenho pensado e feito nos últimos dias.

Nos últimos quatro dias terrível evolução se processou no mal do vizinho. Senti os gemidos aumentarem gradativamente em frequência e dor. Agora são gritos desesperados que escapam da janela cerrada, em quase todos os momentos, embora se possam perceber os esforços da mulher para abafá-los. Fico a escutar, sentado à

escrevaninha, diante do papel quadriculado e limpo sobre o qual deverei traçar os meus gráficos já inúteis. Que poderei fazer senão ficar sentado e escutar? Posso imaginá-lo, com suficiente clareza até, posso imaginá-lo a decompor-se, estorcer-se em fúria irracional contra as garras do demônio que lhe aniquila as entranhas. Vejo-o mesmo a ser arrastado num ritmo implacável para o nada, o abismo, o insondável ou o que quer que seja. O que poderei fazer é escutar até as dez horas e então sair daqui, caminhar para o escritório da firma e resolver problemas de receita e despesa, traçar gráficos logarítmicos de crescimento de população e de consumo. Nada mais poderei fazer.

Agora é um jogo; um jogo algo sinistro que faço comigo mesmo. Quinze dias se passaram de gemidos e gritos dilacerados na casa do vizinho. Tenho registrado meticulosamente a intensidade desses gritos, que foram mais agudos no início, com uma vibração nervosa e descontínua como uma sirena distante. Mas as forças começam a ceder. A tensão se afrouxa. A nota aguda não se sustém por muito tempo, decai para um gemido ou um arfar de esgotamento e de cansaço. Percebo que é o fim que se aproxima. O fim que não é o fim, como num gráfico em que a variável tende para zero e a função se avizinha de infinito.

Com esse vento repentino que vem do sul e me obriga a fechar todas as vidraças, mal posso saber o que se passa na casa ao lado. Espera-se o desenlace a qualquer momento. Pela manhã, perto das dez horas, fui ao bar da esquina telefonar para o escritório, avisando que não poderia ir ao trabalho. Na volta, passei devagar frente à casa do vizinho, perscrutando com atenção qualquer movimento insólito que pudesse haver. A casa estava fechada, como

se ninguém estivesse lá dentro. “Então é para hoje”, pensei comigo, convicto no meu pressentimento. Pretendi esperar tudo com calma, sentado à escrivaninha. Porém sinto-me nervoso, não consigo dominar o impulso de andar para um lado e outro nesta sala; espiar ocasionalmente pela janela.

À noitinha caiu o vento. O tempo esfriou, há prenúncio de chuva. Minha mulher foi deitar mais cedo, um defeito impede de se ver a televisão. Estou há quase duas horas em pé na sala de visitas a olhar a rua noturna e deserta, varrida pelo vento. As luzes dos postes são fracas, os fios balançam no vento, como cordas de um gigantesco violoncelo. De quando em vez um raro automóvel corta a rua perdida, como se cortasse um subterrâneo imprevisto que sulca a turbulência da cidade. Mas nenhum deles, nem automóvel, nem transeunte apressado que foge do tempo, pára um instante ali, onde deveria parar. Onde eu sei que, mais cedo ou mais tarde, algumas pessoas modestas, circunspectas e perplexas deverão parar, numa obrigação necessária e incômoda. É uma pura questão de tempo, estou certo. Uma desprezível fração de tempo diante do que se possa conceber como eternidade.

CAROLINA

Não chegava a ser propriamente desgosto da vida. Procurávamos um fio, tênue que fosse, que nos pudesse conduzir a uma situação diversa. Víamos quase tudo em torno de nós como uma grande farsa montada para nos iludir e, talvez ingenuamente, não queríamos participar daquelas instituições nas quais nossos pais e professores acreditavam e que nos pareciam dissimuladas e opressivas. Quando tínhamos dinheiro, bebíamos cerveja. Então caminhávamos pelo cais e ficávamos nos trapiches a olhar as barcaças e os pequenos navios cargueiros que se aproximavam fumegando e se afastavam, ásperos e insensíveis à nossa ânsia de trabalho e fuga. Queríamos fugir para outros portos, para outras cidades, até mesmo – se possível – para outros mundos, que possibilitassem um reencontro de nós mesmos.

Um dia vimos Carolina. Fugaz, curiosa Carolina! Arrastava, bem próximo de nós, o seu corpo pálido-esverdeado de listras descoradas, descendo e levantando as pequenas antenas da cabeça e deixava, atrás de si, na madeira áspera e cinza do trapiche, um filete irregular e brilhante que parecia vir de muito longe. Não havia sensualidade nos movimentos; havia apenas o ondular natural do corpo minúsculo e roliço, o jeito atrevido de nos ignorar.

- Olhe - disse o meu amigo - uma lesma!

- Não é uma lesma - disse eu. - É Carolina.

Ele riu e disse:

- De fato, é Carolina.

Ficamos a olhá-la, como se olha qualquer coisa ao mesmo tempo remota e conhecida. Ela vinha deslizando na direção em que estávamos e foi preciso que nos afastássemos para que pudesse ter passagem. Achamos que se assustou com o nosso movimento brusco, pois encolheu o corpo, fez desaparecer as duas anteninhas da cabeça. Meu amigo se ajoelhou sobre o trapiche para melhor observá-la.

- Ela se parece agora com um graveto caído - disse ele.

- Se parece mais com um prego enferrujado - respondi.

- Nada disso - retrucou. - Se parece mais com uma folha seca enrolada.

- Tens razão, é uma folha seca enrolada.

Não sei. Suponho que ferimos o orgulho de Carolina. No mesmo instante ela alçou as anteninhas e se pôs de novo a deslizar, agora noutra direção, afastando-se para o rebordo da madeira do trapiche. Em breve desapareceu de nossa vista.

- Bem - disse o meu amigo. - De qualquer modo ela deixou esse filete brilhante de gosma sobre a madeira. Pode ser uma esperança.

- Talvez - disse eu. - Mas uma esperança que não está aí fora.

- Não, não está aí fora. Está em nossa cabeça.

- Talvez. Um fiozinho brilhante de gosma dentro de nossa cabeça. Legal! A gente não deve desesperar!

- É isso aí!

Pois não era propriamente desgosto da vida. Ouvíamos o tilintar de sinos e o apito rouco das barcaças que se afastavam sem nos levar. Olhávamos, não sem um traço de amargura, as estrias de espuma que ficavam

aquém das popas e logo se apagavam. Sabíamos que algo estava errado a nossa volta, mas, no fundo, o que sentíamos mesmo era o vislumbre de novas possibilidades e a rebeldia orgulhosa, talvez imatura, contra um sistema de coisas que nos enganava e procurava sufocar o que havia de autêntico nas experiências que buscávamos.

• OS PEQUENOS DESENCONTROS (1977) •

QUESTÃO DE TEMPO

Um amigo comum nos apresentou. Apertamo-nos as mãos. Imediatamente uma conversação espontânea, inteligente, emotiva, na qual lembranças e relatos pueris não eram ilhas, mas traços de união na corrente de afinidades que passamos a nutrir. “É um grande cara”, chegamos a pensar um do outro. Tínhamos ambos feições regulares, simpáticas, nossas roupas eram mais ou menos idênticas no corte e na forma e, não raro, em ocasiões especiais, frente a episódios grotescos, ou sublimes, ou apenas ridículos, nossos olhares se cruzavam numa compreensão que dispensava palavras. Os trabalhos que eu fazia e lhe mostrava, pequenos monólogos para teatro, eram analisados por ele com justeza, sensibilidade crítica, universalidade de julgamento.

Vejam: uma pequena explosão de fatos separou-nos por dois anos. A primeira vez que ele me viu, após esse tempo, abriu os braços, gritou de surpresa. Conversamos e bebemos por algumas horas, alegres, procurando reacender uma antiga flama. Mas, de súbito, eu senti que algo monstruoso acontecera. O pescoço! Sim, o pescoço dele me parecia mais comprido alguns centímetros e podia jurar que afinara. Alguns dias depois fui procurá-lo na subchefia dos negócios financeiros, onde ele era há poucos meses o subchefe por casamento. A recepcionista me fez esperar numa saleta durante meia hora. Quando me disse que, enfim, podia entrar e abriu-me a porta, vi que ele estava debruçado sobre a escrivaninha, a cabeça apoiada sobre os braços, dormindo.

Agora, assombrado, começo a perceber outros detalhes. Teriam sido mera ilusão algumas características que eu muito admirava, confesso que até secretamente invejava, na sua personalidade: a agilidade mental, alguns rompantes de sentimento lírico ao mesmo tempo que perseguia os objetivos com enérgica tenacidade? Quando nos reencontramos certa noite durante um coquetel de artes plásticas, ele bebia compulsivamente o uísque ordinário oferecido nas bandejas. Falou-me, com olhos vazios e tristes, de pequenos problemas de administração, de pequenos problemas domésticos e teceu comentários simplórios e convencionais sobre os trabalhos do artista que se expunha.

Sinto que, sempre mais, aprofunda-se um abismo entre o nosso relacionamento. O corpo dele vai se tornando mais disforme à medida que os meses passam. As pernas e o pescoço, muito finos, mal suportam o ventre enorme, intumescido. Rodeiam-no constantemente pessoas empertigadas, que sorriem com superior complacência e pronunciam com ar solene as mais cruas banalidades. Ultimamente, quando nos encontramos, os seus olhos se desviam dos meus e a sua voz é reticente, impessoal, dissimulada. Numa entrevista política de televisão, vi-o alinhar meia dúzia de chavões, enquanto bolhas de sabão escapuliam de suas gigantescas orelhas.

Continuo, no entanto, a representar no teatro os meus monólogos com relativo sucesso. É estranho o fato de crescer a minha força interior, firmar-se a pureza de antigos e sólidos conceitos, desvendar-se a clareza de imagens sintetizadoras, a cada vez que verifico um sintoma degradante em meu pobre amigo. Mas, quando escrevi e fui representar o que me parecia a maior realização, pela verdade das ideias e contundente força da construção formal, eis que em meio

ao espetáculo, surgindo da semiobscuridade da plateia – que, em silêncio, parecia tudo ignorar –, avançou para o palco aquele ser grotesco, nem homem nem animal, a gritar, num uivo, palavras de condenação, trazendo consigo o desespero, a fúria, a tirania, talvez o fim.

A REALIDADE DE ANA SUELY

Ana Suely Holtz, desde que ficou viúva, rica e sem filhos, acredita-se tenha se tornado uma mulher bem mais interessante. Às vezes, quando uma sombra de melancólica saudade lhe invade o rosto, ela veste um *slack* negro e vai navegar pelas águas próximas de Santo Antônio de Lisboa num velho iate, herança do marido. Conhecemo-nos recentemente e desde então temos passado horas em bate-papos desinibidos, estimulantes ao espírito, ainda que o corpo em alguns momentos também não ficasse esquecido.

Ana Suely olha a vida com a refinada crueldade das pessoas excessivamente inteligentes. É o que talvez a distingue de muitas outras mulheres, o libertar-se dos sentimentos miúdos e cotidianos, o transcender de ideias enclausuradas, o perquirir com estranha lucidez a chave dessa massa de conceitos e preconceitos, de informações e propagandas, que nos conduz como marionetes pensantes. De vez em quando me telefona e, antes do amor, olhamos escorrer a manhã no varandão de sua casa, com um mar em frente, a beber uísque e brigar em altas vozes. Brigar? Nessas ocasiões é divertido vê-la de repente pular da espreguiçadeira e caminhar agitada pelo varandão, de um lado para outro, enquanto uma torrente de palavras claras tenta aniquilar os meus incompletos argumentos.

“De modo que você”, desafiei-a numa ocasião, “julga não existir o realismo; o patente, visível e acabado realismo das cogitações científicas e literárias? Sinto dizer que suas pobres ideias contrariam a autoridade de um...”

Não pude terminar. Ana Suely me fulminava com o desprezo de seus olhos rasgados.

“Meu caro”, disse ela, tentando conter a irritação, “você ainda não conseguiu entender que tudo, num universo conceitual, é pura afirmação lógica. Com isto quero significar que tudo é teoria, ou seja, *insights*, aproximações de um real que desconhecemos, mas imaginamos existir. Ninguém conhece a realidade como ela é. O real só adquire ‘realidade’ quando criado pela teoria. É um erro afirmar que a teoria, seja ela qual for, precisa conformar-se à realidade objetiva para ser válida. O contrário é o certo: a realidade objetiva é uma criação teórica, ou seja, uma afirmação lógica consistente”.

“Absurdo!”

“Absurdo? Você não é, ou pretende ser, um escritor? Acredita seriamente na baboseira de uma literatura realista, a não ser para vagos efeitos didáticos? Saiba que não existe ‘o’ realismo na literatura ou na ciência, como não existe na vida. Existe ‘um’ realismo, ou seja, aquilo que as ficções do romance e da ciência lhe fizeram acreditar como realidade. A luta de classes é um conjunto de sentenças boladas por Marx, assim como a cinemática é um conjunto de sentenças matemáticas afirmadas por Newton. Eles simplesmente criaram uma realidade nova, através da teoria, assim como Kafka inventou um homem-escaravelho tão válido como qualquer outro. Desde que o criador seja suficientemente habilidoso para construir um universo lógico e afirmá-lo, o ‘real’ existente se transforma em nova ‘realidade’.”

“Mas...”

“Não existe ‘mas’! A realidade num romance, num ensaio filosófico ou científico não é nada além daquilo que

o poeta, o filósofo e o homem de ciência impuseram como realidade. Enfim, uma criação da linguagem!”

“E da revolta”, concluí, sabendo o que ela diria em seguida.

“Besteira!”, gritou exaltada. “Isso é discutível, além de ser Camus...”

Quando Ana Suely fica exaltada, agita o corpo na espreguiçadeira, os seus cabelos desalinham-se pela testa e os pequenos seios fremem sob a blusa, numa pulsação delicada que me faz lembrar, sabe-se lá por que, rubros botões de cravos numa suave, translúcida, shakespeariana manhã de abril.

O BRAÇO DIREITO DE NOÊMIA

É difícil dizer por que me casei com Noêmia. Talvez porque o restante das mulheres me intimidasse; talvez porque Noêmia, além da amizade que privávamos desde meninos, jamais tivesse feito restrições ao magro ordenado da minha repartição. Quando adolescentes muitas vezes brincávamos de esconde-esconde, ela saía a correr, toda gordinha, semiocultava-se atrás da porta da despensa, eu fingia descobri-la, puxava-a pelos braços, ficávamos um bom tempo agarradinhos, era um sarro.

Confesso que, ao concordarmos em casar, a despeito das mil e uma confidências trocadas, eu senti algum temor. Sou covarde de natureza. Noêmia crescera mais do que eu, era gorda, a minha cabeça se perdia entre os seios volumosos e eu tive medo. No entanto, se o temor não se revelou absurdo, deslocou-se para uma direção absolutamente insuspeitada.

Uma noite, seis meses depois do casamento, acordei angustiado, sentindo que um peso estranho me sufocava. A custo acendi a luz e vi estendido sobre o meu peito o braço direito de Noêmia, extraordinariamente desenvolvido, monstruosamente inchado.

- Noêmia! Noêmia! Acorde! Veja o seu braço! - gritei apavorado, sacudindo-a.

Noêmia abriu os olhos e não prestou a mínima atenção na excrescência. Apenas falou muito séria e decidida, sentada na cama, um enorme seio a saltar-lhe da camisola: "Precisamos melhorar de vida". Ela se recusa a consultar um médico e os seus olhos têm um permanente

brilho esverdeado de ambição, enquanto o braço direito vai crescendo, crescendo, crescendo. Mas o terror e o asco que me assaltavam de início com o tempo se extinguiram. Comecei a entender que o tamanho incrível e a força do braço direito de Noêmia não deixavam de ter seu aspecto protetor. Uma poderosa mãozorra espichava-se da porta da casa, como a cabeça de infindável serpente, me seguindo rua afora até o trabalho. Gaiatos nas calçadas ameaçavam rir e depois se continham, engoliam as piadas, ficavam a olhar com a cara desenxabida os meneios impositivos e constrangedores daqueles cinco dedos gigantescos.

Começo a progredir na repartição. O ar ousado, as atitudes impertinentes que venho assumindo ultimamente para com os meus superiores e que atravessam a carapaça de falsa sensatez e estudada circunspeção que procuram revelar, como atores num palco, para atingir o fundo de suas mediocridades, essas impertinências - eu sei - ferem de modo impiedoso o íntimo de cada um deles, mas os rostos nada transparecem, as palavras são medidas e corteses e apenas os olhos, de vez em quando, desviam-se assustados e espiam de esguelha o imenso braço que sempre me acompanha. Dois aumentos substanciais me foram proporcionados, mediante autorização especial, em menos de um ano.

O braço direito de Noêmia nos abriu muitas portas, conduziu-nos à segurança material e ao prestígio social. Recebo todos os dias inúmeras propostas tentadoras e convites os mais refinados. Se me examino ao espelho, mal posso acreditar que um dia fui indeciso e covarde. Afinal, eu aprendera as respostas que todos exigem de todos, neste mundo cheio de executivos cristãos.

Céus, como tudo se pode transformar assim de repente? Noêmia definha terrivelmente há duas semanas. A cada dia que passa é mais braço direito e menos Noêmia. Está febril, delira. Não posso dormir sabendo que minuto a minuto se avoluma uma desmedida jiboia enroscada ao pé da cama.

O desespero invade o meu coração. Afinal, por que casei com Noêmia? Onde estava com a cabeça? Por que sempre fui conduzido a praticar coisas que não vinham do fundo do ser?

Talvez porque, etc., etc., etc.

OS VINGADORES

Pode ter sido uma simples visão, dessas que nascem no claro-escuro entre o sono e a vigília. Os indivíduos eram sólidos, de grossos punhos e pisavam a vereda íngreme com sapatos ordinários, vereda recoberta de vegetação seca e escassa, cheia de pedregulhos. Mais do que as enormes 45 pependentes dos cinturões de couro, impressionavam a concentração fanática dos olhos, a determinação – que era estigma de loucura – nos rostos impassíveis e suados. Lá para cima, além da vereda íngreme que os homens escalavam, a vegetação se fazia mais cerrada, mais alta, árvores que se adensavam em torno de uma faixa de sombra.

- Ele está lá! – o alcaguete apontara horas antes, com a certeza dos alcaguetes, para a mancha de sombra lá em cima.

- Não existe outra saída, ele está lá!

Tudo agora parecia seguir para a consumação. Próximo à faixa de sombras, no fim da vereda, os homens se espalharam em pequenos grupos, passaram a avançar em semicírculo, cujo centro era uma cabana de madeira entre as árvores. Perscrutavam o silêncio pesado que envolvia a cabana às escuras.

- Saia daí, você está cercado! – gritou alguém.

- Você está no fim, negro safado! – gritou outra voz.

As vozes não tiveram resposta. Seguiu-se apenas um momento de silêncio, de expectativa, de ansiedade. Os homens continuaram nas suas posições, estáticos.

- Saia antes que comece a atirar! – gritou mais uma voz.

- Você não tem chance!

- Você está no fim, negro ladrão!

O silêncio continuou sendo a resposta. A cabana, um retângulo de madeira áspera, sem pintura, tinha a única porta e as duas janelas cerradas. Erguia-se ali, na clareira entre as árvores, como um velho e ruinoso túmulo. Passaram-se longos minutos de espera. Era tardinha, o sol abrandava, um vento leve perpassava as folhas das árvores. A grande mancha umbrosa ao redor da cabana parecia tornar-se mais fria a cada instante passado. De repente, a ordem:

- Agora, atirar!

- Atirar! - repetiu um grito, no lado oposto.

Os disparos estrondaram na direção da cabana. Partiram-se os vidros das janelas, lascas de madeira voaram das paredes e da porta, que ficaram crivadas de furos. Logo depois tudo se acalmou abruptamente. A mancha umbrosa permanecia densa e silenciosa.

- Não vai sair? - alguém gritou.

- Tá com medo, cara? - alguém mais gritou.

Talvez ninguém soubesse dizer o momento exato em que ele apareceu. Talvez porque ninguém tivesse a certeza de que iria aparecer. Foi como um gato acuado pelo terror, que se projetasse desesperado num labirinto. Uma sombra ágil, mas sem destino, que se encaminhasse para o abismo, não por um ato de opção, mas arrastada freneticamente por um impulso cego, irracional. Súbito a porta da cabana abriu e ele, o negro, saiu a correr numa direção, para a esquerda, revólver em punho, mas sem disparar nenhum tiro. Parou, sobressaltado, e voltou a correr na direção contrária. Em seguida, não se sabe por que, tornou a parar e voltar para a esquerda. Ficou assim, a correr para lá e para cá diante da

cabana, com o olhar desvairado de quem buscava sôfrego um lampejo inteligente e revelador, mas continuava a agir de modo atarantado, incompreensível.

Sonho? Visão? A saraivada de tiros prostrou-o de uma só vez. Os homens sólidos deixaram-no onde estava. Seus rostos refletiam um vago e torturado orgulho interior, como se sentissem haver *vingado* alguma coisa ampla, justa, de dimensão social. Depois, os sapatos ordinários voltaram a pisar as pedras da vereda íngreme, em marcha de retorno.

PARA A RODOVIÁRIA

Acontece que eu acompanhava Marusa à rodoviária. Isto no dia 17 de outubro de 1952. Seriam quatro horas da madrugada, tínhamos saído do dormitório, andávamos meio apressados, meio ressentidos, meio envergonhados um do outro, após quase um mês de paixão desregrada, bêbada e patética. O ato de despedida - essa despedida convencional - para pessoas como nós, eu e Marusa, um tanto pascalianas na confusão íntima de nossas vidas, que não sabíamos muito bem a diferença entre o anjo e a besta, o ato de despedida era qualquer coisa de penoso e ridículo. Mas as ruas ajudavam a recompor um quadro de vaga tranquilidade, as ruas tão percorridas e experientes como prostitutas vividas, com as suas árvores fiscalizadas, os seus bares noturnos fechados, os empórios e cafés adormecidos e as casas tão inchadas quanto seus donos.

Eu carregava uma mala, o que não deixa de ser uma tarefa irritante. Acrescente-se que a mala continha todos os bens materiais de Marusa neste mundo terreno e, portanto, pesava... No meu caso, depois de repetidas discussões inconciliáveis, carregar a mala de Marusa parecia a humilhação última que ela me infligia. Humilhação nascente do fato de sermos dois seres desencontrados, amantes, que em dado momento perderam a razão dialética e passaram a viver as contradições do instinto e as consequentes depressões.

Íamos em silêncio pelas ruas quando ela falou, de repente:

- Não há de ser nada. Você vai continuar a fazer a sua literaturazinha...

Naquele tempo eu já fazia a minha literaturazinha.

Respondi:

- Claro.

- A verdade - disse ela - é que você nunca foi mesmo comigo.

- Como é que é? - gritei, parando e aproveitando a oportunidade para deitar a mala no chão.

Ficamos ali, parados, na calçada.

- Você não gostou mesmo de mim. O que você queria era só passar o tempo a minha custa.

Achei o argumento tremendamente idiota, em se tratando de Marusa. Disse-o francamente:

- Você é uma idiota!

- Eu sabia que era isso o que você pensava de mim - e continuou a caminhar, ressentida. Depois acrescentou:

- Eu não tenho a instrução que você tem, não sou a geniazinha que você esperava e espera...

- Pro diabo a geniazinha! - resmunguei, num gemido de esforço enquanto levantava a mala e procurava apressar o passo para acompanhá-la.

Súbito, fui iluminado pela certeza de que tudo não passava de um simples jogo. Aquela faísca momentânea e esclarecedora do homem que percebe as artimanhas da mulher. Larguei a mala no chão, o que era óbvio; segurei Marusa pelo braço, levei-a de encontro à parede, beijei-lhe a boca. Sentindo a quentura de seu corpo, passei a mão numa carícia desajeitada pelos seus cabelos ruivos e rebeldes, puxados para trás por cima das orelhas. Durante alguns

momentos, vi sobre os meus olhos o seu olhar franco, sem sorrisos fáceis.

- Você promete que não brigamos mais? - disse ela.

- Claro.

Ela desviou o olhar, pareceu vacilar no que iria dizer:

- Vou a Porto Alegre assim mesmo - murmurou.

- Como você quiser.

- Você sabe, eu preciso ir, eu...

- Não precisa se justificar - respondi. Dentro de mim o orgulho que sempre tive, o orgulho que inibia qualquer argumento persuasório quando se tratava de contrariar uma determinação alheia.

Marusa viajou no ônibus das cinco. Era ainda a antiga rodoviária, na esquina da Mauro Ramos com a Hercílio Luz. O meu amigo Cebola ajudou a colocar a mala no bagageiro. Antes, comprei para ela duas maçãs vermelhas envoltas em sedosos e perfumados retângulos de papel de cor arroxeadada. Depois o motorista destacou a passagem, Marusa embarcou, o ônibus partiu.

Voltei só pelas ruas que amanheciam. Aquelas ruas tão percorridas e experientes como prostitutas vividas, que olhavam talvez com algum fastio ou piedade os primeiros movimentos - seculares - de mais um dia a matizar com pequeninos dramas absurdos a existência desses inquietos, insatisfeitos e contraditórios seres humanos.

EU E MINHA MÃE

Pior que tudo é esta casa enorme, com este enorme quintal, que meu pai nos deixou, a mim e a minha mãe. Antes, quando meu pai vivia, havia sempre gente a se movimentar, entrando e saindo de seu consultório, que hoje é um porão espaçoso e vazio. Havia sempre sons de vozes, cachorros latindo nas correntes e, à noite, as luzes todas ficavam acesas até altas horas, enquanto as empregadas corriam da cozinha para a sala de visitas, carregando bandejas, pratos de bolos e salgados e cálices de licores.

De repente, meu pai morreu de um enfarte. Tudo se transformou. Vendemos os aparelhos de medicina, o consultório é o porão vazio. O aluguel de duas casas de subúrbio permite que hoje eu possa cuidar de minha velha mãe, sem outras preocupações. Deus do céu, eu não poderia ter qualquer outro tipo de preocupação!

No instante preciso em que soam as batidas do antigo relógio, marcando as sete da manhã, eu escuto os arranhões na porta do quarto de mamãe. Sei então que é preciso ir à cozinha preparar o mingau de aveia habitual para o seu sossego durante uma poucas horas. Preparo-o no fogão a gás, derramo tudo em seguida numa tigela funda e, juntamente com uma colher, deixo a tigela sobre o chão frente à porta do quarto. Mamãe insiste em não ser vista, por isso me retiro pelo corredor, mas já aconteceu de algumas vezes surpreender a sua mãozinha murcha e de unhas afiadas a sair pela porta entreaberta em busca do vasilhame.

Contíguo à sala de visitas está o meu quarto e escritório. Ali eu fico continuamente à espera das vontades de mamãe, durante o dia e a noite, ora a arrumar os meus selos, ora sentado na cadeira de balanço que era de papai, tendo sobre os joelhos um volume de sonetos de Bilac. Também costumo debruçar-me à janela e espiar a rua, mas nesses momentos algumas vezes o meu coração se confrange, quando vejo passar as moças tão frescas, tão ágeis, tão ousadas, com os seus risos de cálices partidos, os seus olhares de radiação púrpura...

Para vocês, que me têm piedade e dizem que a minha situação é humilhante e servil, posso esclarecer: seria desumano afastar-me de mamãe, deixá-la só e sem a assistência de uma pessoa que compreenda todos os seus atos. Certa noite, num reprovável instante de desespero, gritei irritado à porta de seu quarto que iria embora para sempre viver o meu próprio destino, com independência, com personalidade. Um profundo silêncio no quarto foi a primeira resposta. Depois, escutei o levantar da janela de guilhotina e um ruído insólito de escalar de paredes. Horrorizado, o coração oprimido, percebi que mamãe subia para o telhado da casa aproveitando-se do grosso cano de escoamento de águas ao lado da janela. Corri para o quintal e gritei, olhando para cima:

- Perdoa-me, mamãe! Eu não passo de um egoísta idiota! Estou arrependido, jamais vou sair de perto de ti!

Então consegui ver lá no telhado e dentro da noite o seu vulto encolhido, que parecia me olhar com ternura, cheio de gratidão e reconhecimento.

Quando o vento sul zune em todas as frestas e põe em nossas gargantas aquele sabor de cinza, eu sei que minha mãe se impacienta em seu quarto e deseja sair. Nessas noites finjo sempre que estou a dormir, sentado na cadeira de balanço, mas escuto com redobrada atenção os seus passinhos de sombra - lept, lept - que visitam toda a casa. Depois me levanto e, mudando de uma janela para outra, fico a vigiar os seus passeios pelo quintal ventoso, o rosto incolor e pequeno que murmura lembranças incompreensíveis.

Se às vezes me descobre, esconde-se no porão. Eu corro à sua procura e então subimos e descemos escadas, atravessamos mil vezes as mesmas portas e os mesmos corredores e eu sinto que, pior que tudo, é esta casa enorme, com este enorme quintal.

O VESTIDO

Já fazia um mês que ela morreria, ainda jovem, abrindo um vazio na sua vida. Certa noite, naquele apartamento agora muito frio, procurou o suéter no guarda-roupa, sem encontrá-lo. Não estava entre as várias peças em desordem, que ele ia atirando para fora, distraído. Depois, ainda a pensar onde teria posto o suéter, olhou casualmente para o chão, com a ideia de repassar as peças que tirara do lugar. As peças não estavam no chão. Apenas o vestido.

É curioso. O vestido estava estendido ali, a um palmo de seus pés. Era de linho claro, estampado a cores com figuras geométricas. Sem espantar-se com o fato, ele sabia que a mulher às vezes penteava os cabelos lisos e longos diante do espelho, aquele vestido irradiando o seu corpo alvo. Então foi como se ele visse uma tênue silhueta distante, o contorno delicado dos pequenos seios e o ser transcendente, irreal, à frente do espelho que ainda se encontrava no quarto. Saiu às pressas do apartamento, foi beber alguma coisa no bar próximo. No espelho do bar pareceu ver fios de cabelos brancos matizando as têmporas e um rosto que precocemente se enrugava.

Três dias depois acordou subitamente em meio à noite. O luminoso de uma boate, no edifício fronteiro, lançava um halo branco pela vidraça da janela. Ouviu o trautear arrastado, penoso, indolente de um saxofone, ao compasso quase inaudível da bateria, como o monólogo incongruente de um negro solitário. Os objetos comuns do quarto lhe deram a impressão de figuras vivas, mas rígidas, que se haviam reunido numa assembleia estática para

espioná-lo da sombra. Próxima da cama estava a cadeira, o vestido dobrado sobre o espaldar.

Como era possível? Ele seria capaz de jurar que devolvera o vestido ao guarda-roupa, três dias atrás. Estranha também a sensação de que os pequenos círculos estampados na fazenda estavam a mover-se quase imperceptivelmente, destacando-se da penumbra na transparência da luz branca que vinha da janela. Entretanto, ele sabia da inconsistência desse tipo de sensação, sabia que um homem solitário na penumbra de um quarto poderia iludir-se com os desvios da imaginação excitada e doentia. Nada está acontecendo, pensou para reconfortar-se, nada está acontecendo neste quarto. Então virou o corpo de lado na cama, ficando de costas para a cadeira. Diante de seus olhos, a parede nua do quarto se mostrava manchada de sombras sugestivas. Ali estava uma que lembrava o vulto de um coelho de orelhas caídas. Ali estava outra que...

O saxofone bruscamente rompeu o indolente equilíbrio de seu lamento e feriu o ar com uma estrídula e agressiva escala descendente, como uma gargalhada nervosa. Ele ouviu gritos e bater de pés distantes na boate fronteira. Uma alegria selvagem e perdida, pensou, deitado de lado, e percebeu o vazio existente na cama entre ele e a parede do quarto. Um vazio que a mulher, outrora...

Então, o ruído seco como se uma porta se abrisse (perto? distante?) e pés de seda caminhassem sobre um tapete. *Nada está acontecendo neste quarto, nada*, pensou com insistência, enquanto sentia que algo macio lhe tocava o pescoço, como o roçar de um tecido frio, acariciante e letal.

Eu acompanho sempre o pregador, que é um homem magro, de rosto faminto, barba rala e olhos dementes. Contudo, ainda não atino muito bem os motivos últimos por que faço isto. Acho-me em muitas ocasiões até ridículo ao lado desse ser meio imbecil, que diz coisas inacreditáveis em altas vozes, trepado num banquinho de madeira no centro dos jardins públicos. A verdade é que, num dado momento, as palavras do pregador vibram em pleno delírio, transcendendo os limites da razão, febril sinfonia absurda a ressoar pelos ares, que fere e sensibiliza inexplicavelmente os corações. Há então um grande círculo de pessoas que nos rodeiam com ar solene e basbaque. É pungente ver esses rostos emocionados que nos encaram, pobres almas débeis e ingênuas, que se comovem até às lágrimas.

Julgo que, no íntimo, sempre detestei a credulidade das gentes. Às vezes abro um jornal e leio um artigo qualquer que aconselha isso ou aquilo. Fico a pensar no grande número de pessoas que o leem e que acreditam no que diz. É irritante! Milhares de jornais circulam diariamente por todo o mundo, cada qual encerrando uma dezena de artigos egoístas, que opinam, reclamam, aplaudem, combatem, constroem e destroem. Evito pensar na babel de livros de todos os gêneros, na massa de folhetos, apostilas, programas de rádio e televisão, o mar de conferências, palestras e simpósios, a infinidade de cursos e aulas que pululam na face da terra, cada qual dizendo e desdizendo, na mais terrível e contraditória avalanche de informações que jamais se viu. É uma loucura! Disse-me certa vez um

indivíduo que justamente aí reside o sentido da cultura. O que eu começo a ver é o ser humano sempre mais desligado de si mesmo, a repetir como um autômato o que ouve e o que lê a todo instante. Como os pobres ratos das experiências científicas, vivemos a percorrer um labirinto de ideias e dados incompatíveis e, em breve, teremos o cérebro tão permeável como uma esponja. É como se percebêssemos, refletido num espelho, o rosto de um ser estranho a dominar e fundir-se nas linhas do nosso próprio rosto.

Pensando nisso, eu beirava o desespero, descrente de qualquer possibilidade salvadora, quando conheci o pregador. Escutei-o certa feita numa praça pública e senti que era ele o ser milagroso que eu jamais pensara existir. Coloquei então o meu boné sobre a cabeça e me dispus a acompanhá-lo definitivamente. Não é, repito-o mais uma vez, a sua figura ascética e imbecil que me fascina. Neste particular ele se confunde com a média dos iluminados. São as suas palavras – sim! –, as suas palavras candentes, retumbantes como tempestades, poderosas como hinos triunfais, mas completamente destituídas de sentido, que me induziram a segui-lo. De que genialidade a natureza dotou esse ser, para solucionar o problema da comunicação humana e ao mesmo tempo evitar o perigo da intoxicação pelas ideias! As pregações do mestre pairam sobre as multidões emocionadas, que escutam a sua voz como uma doce música fantástica e ininteligível. Não são mesquinhas afirmações racionais ou abomináveis normas de conduta social ou moral, mas (sim! sim!), mas belas e contundentes sentenças desconexas, harmoniosos conjuntos de palavras desarticuladas entre si, pronunciadas com o ardor de um predestinado e a veemência de um profeta!

Às vezes sinto-me ridículo ao seu lado, já disse. O seu aspecto físico não deixa de ser repulsivo e de certo modo humilhante para a minha herança burguesa. Mas não posso deixar escapar essa oportunidade. É preciso conduzi-lo a todos os lugares, como um exemplo. É preciso que todos sintam e vejam as potencialidades que existem por detrás do raciocínio lógico. É preciso que se compreenda que se pudermos alcançar por alguns instantes o grande vazio da Pura Forma, talvez seja possível depois começarmos uma nova construção, rudimentar e autêntica, como se fôssemos o primeiro homem na primeira manhã de pensamento. Pois então talvez possamos voltar a reconhecer na figura do espelho as linhas do nosso próprio rosto.

EM CERTA NOITE DE REIS

Foi enquanto o anfitrião se afastava para trazer outra garrafa que ele casualmente viu o cálice. É certo que há muito tinha-o nas mãos. Mas, antes, apenas, olhara-o na sua forma sem transcendência, abstraída de qualquer verdade. O cálice era uma peça realmente maravilhosa, viu agora. Ao levantá-lo entre os dedos, pela delicada e longa haste, podia verificar os reflexos dourados e móveis que a incidência da luz extraía de seu bojo sanguíneo. Eram pequenas manchas suaves que se diluíam, interpenetrando-se; que voltavam a compor-se, múltiplas, para de novo se desmancharem – sequência fantasiosa e incongruente, que se repetia indefinida – ora num faiscar mais vivo, ora em tons opacos, à medida que variava a inclinação do líquido no seu interior ou o ângulo de incidência da luz sobre o seu bojo. Da sala, mais adiante, vinham os risos e as vozes das gatas em flor, que ele, fascinado pelo cálice, mal ouvia. Apenas quando, ao erguê-lo um pouco mais, talvez um palmo, diante de seus olhos, perturbou-se com a revelação inesperada, mas já sentida. Pois não era ele quem ali estava, retratado nas suas deformações e névoas interiores, no cristal vinoso do cálice? Sim, era ele. As linhas da face abaulavam-se em configurações grotescas e os olhos de dilatavam, arredondados, enormes, irregulares, o esquerdo adiantando-se ao direito, numa fixidez penetrante e aterradora. Era ele, num outro contexto, na evidência simples de outras coordenadas, salientado numa visão dele mesmo, incomum nas imagens cotidianas, mas já intuídas em reflexões adormecidas.

As notas cristalinas das risadas na sala mais adiante desviaram o seu pensamento, quando pousou o cálice sobre a mesinha. Então, a seguir, o ritmo febril e excitante das guitarras elétricas dominou as vozes e os ruídos de toda a casa. As garotas começaram a dançar, fremindo o corpo num balanceio vertiginoso e sensual, as belas coxas semidemonstrando-se sob as saias curtas, os cabelos a se agitarem em compassada revolta por cima dos olhos luminosos e ousados. Ficou a olhar aquele espetáculo de juventude e selvageria, sorvendo pelo coração a impudente, mas arisca, disponibilidade de amor que havia naqueles lábios e naqueles corpos, que se ofereciam e se recusavam, audaciosos e recatados, signos de um tempo em que a liberdade e o medo andavam de mãos dadas.

Súbito, as luzes começaram a piscar, acendendo e apagando, com intermitências rápidas, apagando por fim. A escuridão que dominou toda a casa instantaneamente foi preenchida pelos gritos, pelas exclamações joviais de desapontamento, cessadas de modo tão brusco as guitarras na eletrola e a dança na sala mais adiante. Em seguida, as vozes e os gritos foram morrendo, um silêncio total e constrangido tomou a sala por alguns minutos.

Precisa-se dizer: era noite de Reis. Há muitos séculos três reizinhos de lenda se mandaram pelas estradas, a seguir uma enorme e incrível estrela, que os levaria ao Salvador nascente. Costuma-se ainda hoje celebrar o fato, sem a convicção de que qualquer sinal apareça que conduza à trajetória do milagre. Ele se sentia solitário, meio triste, naquele silêncio escuro de Reis - e não havia na sala nenhum rei para se conversar.

Teve a impressão que da janela vinha uma claridade fria e fantástica trazida pela noite imemorial. Uma claridade indefinida, fantasmal, que apenas, como um halo, circundava os objetos, ressaltando os seus contornos, sem revelar no entanto a essência e os detalhes de suas formas. As pessoas na sala mais adiante eram agora silhuetas que se agrupavam em várias posições. Silhuetas estáticas, como se a ausência da luz despertasse no íntimo de cada uma inquietações primitivas. Talvez por essa razão começassem a cantar num murmúrio um canto sem palavras, gutural, que lembrava o zumbido de infinitos insetos.

Havia aquela claridade leitosa como um débil raio de luz e o coral de zumbidos a entoar um cântico suave e popular. Seria esse o sinal que ninguém esperava? Percorreriam agora três andarilhos as estradas pavimentadas deste nosso mundo a vasculhar os bares, os albergues e os prostíbulos, em busca do nascimento excepcional? O cálice, que ele levantava entre os dedos, parecia fulgurar com cintilações de fogo. O vinho correu pela garganta, ardente e áspero, como se fosse sangue.

OS PEQUENOS DESENCONTROS

Nós já havíamos caminhado uma boa parte da manhã pelas largas avenidas em visita aos magazines, sentíamos um tanto cansados ou zonzos devido a tantas gentilezas formais de balconistas e gerentes, sorrisos impessoais, cortesias estudadas, também a multiplicidade de vitrines ante as quais parávamos para uma escolha, assim como o cruzar de um sem número de faixas de segurança entre uma calçada e outra, no meio de uma multidão afoita e indiferente, que se afunilava das calçadas para as faixas como formigas, aproveitando o intervalo impaciente de mil, dez mil veículos prestes a avançar. Enfim, aquilo era para nós, do interior, uma “cidade grande” e tínhamos de consentir com as regras do jogo. Lena segurava a sacola de plástico atulhada de pequenos embrulhos coloridos e pintalgados de etiquetas e eu trazia sob um braço o pacote com a caixa de sapatos. Andávamos agora apressados, meio famintos, ansiosos para chegar ao hotel que ficava algumas quadras além.

Provavelmente em razão de um erro de perspectiva, esse penetrar em uma rua não muito familiar ao nosso conhecimento e que levava a outras ruas mais estranhas, começamos a sentir que estávamos a andar mais do que o necessário e não tínhamos muita certeza sobre a posição atual do nosso hotel.

- Poxa, os meus pés estão ardendo! - disse Lena e parou um pouco para descansar, largando a sacola no chão, encostada à parede.

- Olha - disse eu, tentando ser prático. - Vamos perguntar a alguém qual o rumo que a gente deve ir, tá legal?

Informaram que deveríamos seguir em frente até o final da quadra e depois descer a escadaria em forma de caracol, que levava “à parte de baixo do bairro”.

- Eu não sabia que estávamos “numa parte de cima” - disse Lena, surpreendida. Eu também me sentia confuso.

Mas, de fato, ao final de larga rua arborizada, uma escadaria de pedra em forma de espiral parecia ligar “a parte de cima” a um aglomerado de ruas que víamos em panorama, do alto, estender-se mais abaixo. Era visto apenas um lance da escadaria que, a certa distância, enroscava-se num giro em sentido contrário e para o fundo, escondendo os demais lances. Por ser uma descida abrupta, começamos a pisar cuidadosamente os degraus, Lena apoiando a mão direita no meu ombro e eu com um braço firmando-se sobre o largo corrimão de pedra, enquanto o outro braço pressionava contra o peito a caixa de sapatos.

Descíamos, lance por lance, sob um sol veemente, que apenas então começávamos a sentir na pele.

- Você bem que poderia ter lembrado de trazer o guia da cidade - disse Lena com a respiração acelerada, já um pouco nervosa e num tom de ressentimento.

- Vamos apanhar um táxi quando estivermos lá embaixo - respondi para tranquilizá-la.

Esperamos em vão durante um longo tempo, assim que atingimos a “parte de baixo”, a passagem de um táxi desocupado. Irritados, com a sensibilidade já embotada, enveredamos depois pelas ruas largas ou estreitas que se entrecruzavam, passando pelas faixas de segurança entre uma calçada e outra, em meio a uma multidão afoita e

indiferente, que se afunilava das calçadas para as faixas como formigas. Lena mal podia respirar e uma rede de minúsculas gotas de suor pontilhava os nossos rostos, como cabeças de alfinetes.

– Mas que inferno! – exclamou Lena, de súbito, parando no meio da calçada.

Então, pelo faiscar raivoso de seus olhos, compreendi que afinal explodia sem remissão um tumor de mil pequenos desencontros e frustrações que vinha minando silenciosamente, com uma tenacidade sutil, o nosso relacionamento desde as últimas semanas e que teimávamos ignorar, numa resistência feita de ilusões e esperanças. Assim, Lena falou com a voz baixa, arrastada e difícil:

– É a última vez que você me conduz para um caminho errado. Faça alguma coisa antes que seja realmente o fim!

Aprensivo, quase desesperado, pedi aos que passavam informações de como chegar ao nosso destino. Até que alguém – um velhote magro, sereno, de olhar agudo e malicioso – me informou que deveríamos seguir em frente e depois descer uma escada de pedra, em forma de caracol, que nos levaria ‘à parte de baixo do bairro’.

• O CAVALO EM CHAMAS (1981) •

O CANTOCHÃO E A SOMBRA

Foram dias de sono e abstinência. Mas depois vieram os meus amigos – a bem dizer quase irmãos – e afirmaram que eu estava pronto para fazer a travessia. Os rostos alegres e resolutos, com os seus olhos sorridentes e comovidos, eram o testemunho da verdade. Marcela trouxe a vasilha de barro que continha o líquido verde. Eu deveria beber, disse ela, como alguém que se despede de uma terra estranha para chegar à verdadeira terra. Aquela que é única e exclusiva, mas permite compreender todas as outras.

Com as mãos trêmulas de fraqueza ou medo, segurei a vasilha de barro e bebi o líquido verde de uma só vez, até a última gota. Enquanto deitava novamente no divã, ouvi Marcela dizer para que mantivesse os braços, as pernas, o corpo inteiro numa posição de relaxamento, de completo relaxamento. Ainda vi aqueles rostos amigos distribuídos ao meu redor, ao redor do divã, Marcela e Flávia, Emanuel, Augusto e o Zé Carlos, todos a me olharem com alguma ansiedade, todos tão distintos nas suas individualidades, os traços tão característicos, personalidades estruturadas em carne e sonho, unidades complexas e diversificadas de matéria com um núcleo impreciso de sonho, com a essência de... Então fechei os olhos e vi o grande túnel como um caminho de sombra, o grande túnel que parecia estreitar-se ao longo de sua extensão, mas que acenava uma minúscula mancha de luz diluída na distância quase impossível de seu fundo. Mas eu sabia não existir fundo e que a luz esmaecente era sinal daquilo que por enquanto eu poderia alcançar, a primeira etapa da travessia.

Minha irmã! Por que estava ela, nua em suas carnes brancas, na campina que se antecedia à floresta silenciosa ao sopé das montanhas distantes? Era minha irmã quem se aproximava, nua em suas carnes brancas, o andar lento e elástico de ancas bem delineadas, os seios alvos e firmes como nunca os consegui ver, postos à mostra, nua em suas carnes brancas, e o olhar que me fixava com a expressão de franqueza e bondade e inteligência que sempre tivera, e os lábios sutilmente entreabertos num mal dissimulado trejeito de sensualidade, que também muitas vezes nascera secretamente dentro de mim e que eu rejeitara todas as vezes com sentimentos de culpa e horror. Mas era assim que em tantas ocasiões eu a imaginara, aproximando-se, ela própria tomando a iniciativa para a qual eu jamais tivera coragem, e se chegasse bem perto, nua, e que os braços macios enrodilhassem com suavidade o meu pescoço, e os seios macios tocassem o meu peito também nu, que os nossos olhos se encontrassem cheios de compreensão e silêncio e que uma música misteriosa e selvagem dentro de nós marcasse a partir daí o ritmo desordenado dos nossos movimentos de liberação compulsiva.

Rolamos enrodilhados na grama nascente da campina, eu agarrava com violência os seus cabelos, idênticos aos de nossa mãe, e mordida o seu ombro como um animal em desespero e ela arfava de olhos cerrados e a boca aberta e dizia às vezes num gemido rouco como o rosnar de uma cadela, “meu irmão! meu irmão!”, e parecia então recrescer de excitação, as suas pernas trançadas nas minhas pernas, numa pressão mais forte, mais forte, mais forte, mais forte, até que nossas bocas se encontraram numa ânsia de devorar-se mutuamente, a saliva escorrendo pelo

rosto dela sobre o chão e soltamos aquele uivo espasmódico do orgasmo final e os nossos corpos afrouxaram, tombados um sobre o outro, e assim ficamos, tanto tempo, tanto tempo, até que a nossa respiração se recompôs e as dimensões da vertigem se apagaram e vimos que havia nuvens no céu, que havia um céu, e também ervas no chão e árvores distantes, que antecediam a floresta.

Eu estava, não sei como, novamente vestido, e minha irmã, ainda nua e sentada na relva, apontava para além, “estamos agora libertos um do outro”, ela disse, “e você vai seguir para a floresta”, fui então caminhando pela campina na direção da floresta e sentia uma compreensão maior nascer dentro de mim, não uma compreensão definida ou determinada, mas uma compreensão vaga e abrangente de todas as coisas, como se a nossa inquietação de repente pudesse encolher alguns milésimos de milímetros e cedesse o espaço para uma leveza interior que desejava expandir-se, ou como um animal que tivesse a pele distribuída em tantas camadas e um dia conseguisse entender que perdeu uma delas tal como uma capa inútil e desprezível.

Fui então pela campina na direção da floresta, certo de que os milésimos de milímetro de leveza, se não eram ilusórios, também não se constituíam numa conquista definitiva, porque sensações de outros níveis ainda pesavam no íntimo do meu ser, e as primeiras árvores indicavam aquele chão umbroso como úmida pasta cinza e verde de mil pequenas formas vegetais entrelaçadas, e os troncos que se multiplicavam na formação de infinitos corredores interligados, sob espessa massa de folhas surgindo da confusão de tentáculos, ramos, galhos, armados e expectantes num silêncio intencional. E sob aquele teto de

ramagens compactas, e emaranhado nas veias e artérias que me cercavam e batiam sobre o rosto e enroscavam-se no meu corpo e sobre as quais os meus pés tropeçavam, num chão de umidade que desprendia um cheiro de seiva estagnada, mas ainda viva, como esperma dissolvido num pântano limoso, eu senti a inquietação primordial de um feto num ventre monstruoso e escorregadio e úmido e silencioso, intencionalmente silencioso, porque era tudo como a preparação para que gritos estridentes e longínquos de pássaros irreconhecíveis ou zumbidos atormentadores de insetos ou coaxar de sapos escondidos ou silvos, cícios, martelar ou serrar de inumeráveis e diminutos seres quisessem evidenciar sua existência como meus companheiros de ventre, aos quais nestas circunstâncias eu deveria forçosamente dedicar a minha atenção pelo simples fato de terem nascido como formas vivas e estarem ali como companheiros de ventre. “Meus terríveis irmãos”, eu pensei, “agora sei que eles são os meus terríveis e desprezados irmãos no mesmo ventre.”

Talvez também fosse tudo não mais que uma preparação para o encontro com o mundo dos elementares que começava a surgir. Sim, deveria mais tarde saber que eles eram numerosos e multiformes, deveria saber que muitos os conheciam como os elementares, mas agora era uma pequena cabeça que de repente surpreendi a me espreitar por detrás de um tronco, uma pequena cabeça do tamanho de uma batata, com olhinhos diabolicamente maliciosos, orelhas pontudas e focinho de morcego, uma cabeça que subitamente eram duas, pois lá em cima, na bifurcação do tronco de uma árvore, lá em cima outra cabecinha me espiava com os olhos de verruma e uma

careta divertida e perversa que descobria os dentes miúdos de serrote, duas cabecinhas que eram três, quatro, cinco, que eram cem, ou eram trezentas, espalhadas em todos os recantos imagináveis ou impossíveis a minha volta, no chão entre arbustos e troncos, no alto das árvores, sobressaindo por detrás de uma larga folha, ou simplesmente no ar, uma rede de cabecinhas que me enchia de inquietação e me ligava a um tempo anterior, que deveria ser a infância povoada de lendas sobre um mundo de florestas mágicas e criaturas encantadas, mas que parecia ser igualmente um tempo além da infância (onde? quando?), um ponto aprisionado num lugar qualquer na essência do espírito como se fosse a cristalização – ou o sinal de permanência, de preconcebidas invariâncias – de um outro lado existido (onde? quando?), um outro lado que ainda projetava reminiscências indefinidas para o lado de cá, na forma de imponderáveis incertezas e vacilações (o exasperante sentimento interior de que nada se esgota ou preenche a verdadeira meta, porque esquecemos a verdadeira meta), e incertezas, e medos, e vacilações, e insatisfações, mesmo nos instantes de vitoriosas conquistas. E então, já não eram mais cabecinhas e sim pequeninos monstregos, morcegos-gente, miniaturas de gente em forma de morcegos, que acompanhavam os meus passos vacilantes através da mata.

E as criaturas de trinta centímetros, morcegos-gente, se distribuíam inumeráveis, ágeis como os reflexos de luz de um caco de espelho nas mãos de um garoto, sumindo e reaparecendo por todos os lados, conduzindo-me como num fluxo de corrente, brincalhões, malévolos, irreverentes, obscenos, escorregando por entre as minhas pernas, puxando as minhas roupas por sacudidelas rápidas

com as mãozinhas de morcego, mordendo-me a bunda ou a canela com os minúsculos dentes de serrote, levando-me aos tropeções num fluxo de corrente através da mata, cada vez mais fundo, para um lugar qualquer que eu não poderia sequer imaginar qual fosse, porque o desespero, a irritação ou a raiva impediam toda a tentativa para refletir. E assim fui sendo levado, reagindo às picadas agudas e aos puxões daquelas criaturas com braçadas cegas que não atingiam o alvo, procurando em vão pisoteá-las, soltando gritos e palavrões cheios de ódio, e também, às vezes, depois de um extremo esforço de contenção do ódio, que durava apenas segundos, buscava raciocinar, encontrar um modo de agarrar ou ferir os monstros intoleráveis, e então eles soltavam guinchos estridentes como gargalhadas de deboche e se movimentavam mais ágeis e redobravam as picadas, as mordidas, os puxões, na bunda, nas pernas, nos braços, milhares deles, num fluxo de corrente a minha volta, que ia e vinha, numa troca espantosamente rápida de elementos, e todo o esforço de raciocínio ou de esperteza vinha por terra, infrutífero. E assim fui sendo levado, cego e surdo de desespero ou raiva, e a reagir como um insensato, quando de súbito nasceu dentro de mim alguma coisa que se assemelhava a uma intuição da inutilidade das emoções, alguma coisa que levantava um novo enfoque da minha visão, como se um interruptor fosse acionado para dar origem a um outro plano de luzes no palco e eu, ator, olhasse a plateia indócil e exigente sob cores nítidas e reveladoras da sua pequenez cheia de ilusões, alguma coisa que partia definitivamente o elo do meu espírito com os atos de estupidez, crueldade, interesse, malícia, e ansiedade, e medo, e ódio, do mundo exterior, e me fizesse olhar

os morcegos-gente como eles eram de fato: minúsculos morcegos-gente, elementares, fluxo de corrente que pretendia confundir os meus sentidos e conduzir-me para o seu mundo de inferioridade exasperante, o seu mundo de terra.

Assim, pois, dominado pela descoberta interior, cessei inopinadamente os gestos e os movimentos de resistência. Passei a olhá-los com uma naturalidade sem espantos nem julgamentos, despreocupado com as mordidas e os puxões. E comecei a observar que eles, a princípio, aumentaram a intensidade dos ataques, numa agitação furiosa e perplexa, com maior estridência dos gritinhos agudos. E que, depois, pareceram acalmar-se, tornando-se mais e mais silenciosos, e que, também, parecia diminuir gradativamente a intensidade do fluxo da corrente. E ainda depois, vi que andejavam eles todos pelo chão, absolutamente silenciosos, nos seus passinhos desequilibrados de morcegos, com as asas pontiagudas imóveis e descansadas, as pequenas cabeças de batata abaixadas como se meditassem, vencidas, eles todos no chão, formando um imenso mar silencioso a se mover para a frente em ritmada e suave ondulação. E que o silêncio e a escuridão dominavam aquele coração de floresta, e o cansaço entorpecia o meu corpo e mil alfinetes espetavam as minhas pálpebras pesadas de sono. Pesadas de sono...

Depois, foi como um sonho dentro de um sonho. Porque os meus olhos abriram e o espírito estremeceu de agitada inquietação ao som de poderosa voz que parecia ecoar por todos os ermos. E ali, diante de mim, diante da minha mente aturdida e confusa, estava um céu limpo tendo a claridade suave e atenuada da tardinha. Claridade

que batia sobre os meus olhos, talvez há muito tempo, pois eles ardiam um tanto febris. E ao ensaiar um movimento, senti os membros presos ao chão. Pois era isso, eu estava deitado sobre o chão, os braços e pernas e tronco amarrados ao chão, no centro de um canteiro cujos contornos eu mal podia ver e que se me afiguravam vagamente a uma baixa armação de cimento ou metal em forma de triângulo e que me circunscrevia, que circunscrevia o meu corpo imóvel e os membros distendidos, corpo e membros que desenhavam um X preso ao chão. Seria de fato um triângulo? Mas ao voltar a cabeça para um lado e outro, podia perceber que o triângulo por sua vez ocupava o centro de uma clareira, circulada pela floresta agora densa e silenciosa que eu atravessara, e que os elementares monstregos-gente ainda ali se encontravam, mas imobilizados ao longo de toda uma faixa divisória entre a clareira e a floresta, milhares deles, imobilizados como um mar congelado e escuro de infinitas e horríveis estatuetas de jardim. E eu era um X no meio de um canteiro triangular, e no meio de um círculo de clareira e cercado para além de florestas, montanhas e mares, e preso à terra e debaixo de um céu lícido e azulado de tardinha, do qual os meus olhos queriam desviar-se mas que acabavam sendo forçados a voltarem-se para ele, para a claridade que indicava a existência de um sol, que eu sabia ser irmão de incontáveis bilhões de outros sóis encadeados numa vastidão aparentemente sem começo e sem fim. E que, ao pensar nisso, eu era também forçado a integrar-me - eu, um X deitado no chão - a um processo desesperador e monstruoso e eternamente (eternamente?) vasto de infinitésimas poeiras de partículas em movimento, que adquiria sentido somente quando uma pequenina,

absurdamente pequenina, vibração nascida (nascida?) no meu interior arrastava-me para um esquecimento que eu chamava de consciência. E então aquela voz poderosa que ecoara por todos os ermos e que me fizera acordar com tamanha inquietação, tornou a rugir como se brotasse ao mesmo tempo de todos os lugares, e se o que dizia eram sons ininteligíveis pronunciados em alguma linguagem primeva e ancestral, havia neles uma advertência estranhamente familiar, como o cantochão de religiosos e místicos de todas as épocas e todas as seitas, como uma súplica que jamais poderia ser codificada em símbolos perceptíveis pela razão consciente, mas que transcendia à própria emissão física do som e buscava imprimir uma “sensação” de realidade final, última e definitiva. Era um outro som quase impossível que ansiava por revelar-se no interior de um som produzido por instrumentação limitada e imperfeita e que, como a chama trêmula de uma vela, encerrava em si a sugestão de algo nunca aprendido e avassalador.

E a voz ribombava de todos os lugares escandindo as vibrantes e misteriosas sílabas do cantochão, como se nascesse ao mesmo tempo de todos os lugares, mas eu pressentia um ponto fixo por detrás da minha cabeça, um ponto que não era visto da posição em que me encontrava, mas que se fazia presente através de uma sombra também pressentida quando os meus olhos, num esforço de voltar-se para cima e para trás, enquanto a cabeça oscilava para a direita e a esquerda, os olhos pressentiam aquela espécie de vazio escuro de uma sombra por detrás da cabeça, que poderia ser a de um monstruoso animal ou a de um homem gigantesco, e a qual uma certeza interior me fazia relacionar com a poderosa voz. E então eu gritei por duas vezes “Quem

está aí? Quem está aí?”, mas a voz continuou imperturbável o seu cantochão.

“É a voz dos avatares, de todos os xamãs ou de todos os cristos?”, perguntei alto, como procurando estabelecer uma conversa. “E essas sílabas não serão mais que um mantra para o despertar da minha iluminação? Mas, afinal, o que significam elas? O que deverei fazer?”

Eu perguntava ou gritava para o vazio, para uma sombra por detrás da minha cabeça, que eu nem sequer saberia dizer se de fato existia, gritava para alguma coisa que parecia ser uma voz vinda de todos os lugares, uma voz revelada num cantochão indecifrável, mas que (percebia agora, começava a perceber agora) poderia também *não* ser uma voz humana ou mesmo supra-humana, mas um som apenas, o som do vento a revoltear num fosso imensamente profundo, o som do vento a cantar sobre dunas de um deserto incomensurável lá para trás, o eco de um som subterrâneo que refletisse o movimento de todos os corpos do universo! Poderia ser isso! Poderia ser isso! E então o meu corpo foi sacudido por um acesso de riso irresistível e doloroso, porque o pensamento fulminante tomou de assalto o meu cérebro, com aquela implacável veemência que assalta o indivíduo logo após ter compreendido haver sido vítima de um grande logro: pois não existiam avatares, nem xamãs, nem cristos; existiam impulsos definidos que dirigiam rigorosamente cada espécie e existiam sons indecifráveis que eu confundia no meu sonho ilusório com avatares e esta – ah!ah!ah!ah!oh!oh!oh! –, esta era a única iluminação possível.

E eu ria no sonho dentro de um sonho – ah!ah!ah!ah!oh!oh!oh! –, um riso sibilante, incontrollável

que, como um forte vento, contagiava a natureza ao meu redor e fazia contorcer as árvores, e espalhava nuvens que cobriam o céu, e levantava cortinas de poeira e folhas, e se transformava, mais forte, mais forte, mais forte, num terrível vendaval, árvores, terra, folhas, os elementares, numa poeira luminosa que assumia a forma de imensa espiral a voar no espaço acima da minha cabeça, girando, uivando - ah!ah!ah!ah!oh!oh!oh! -, e que descia na minha direção como uma poderosa verruma apontada para um centro da minha cabeça, situado entre as sobrancelhas. Vinha rasgar-me, vinha dilacerar-me em mil pedaços num ímpeto de destruição, eu sabia, eu sabia, eu sabia...

Não fizeram perguntas, nada me falaram, os meus quase irmãos, quando surgi do sono. Talvez já tivessem sabido, por algum sinal, que em breve eu estaria mais apto para recomeçar a luta fundamental de todos os homens.

BUGRES

1. Há dois dias ali estava ele, estendido na cama, a perna direita enfaixada, os curativos sobre o corte que se alongava da fronte até a orelha direita. Tive o cuidado de gravar todas as suas palavras, os seus relatos às vezes confusos, mas fascinantes. Afinal foi para isso, para gravar o depoimento de um dos raros bugreiros remanescentes de uma época de furiosa chacina, que me desloquei da universidade até este povoado. É evidente que eu esperava *outro* tipo de depoimento, o qual seria conduzido pelas perguntas estudadas com laboriosa antecipação. Não poderia prever o acidente estúpido com o jipe da prefeitura, os ferimentos do meu entrevistado, a sua perda de memória.

2. A princípio não conseguia compreender as alterações no timbre da voz, as mudanças bruscas do foco narrativo, o aparente despropósito de algumas observações. Depois percebi que eu pretendia ser lógico diante de um desmemoriado meio febril. Mais tarde, revendo exaustivamente o que foi gravado, comecei a reconhecer tratar-se do depoimento não de uma, mas de várias pessoas, que falavam pela mesma boca. Personalidades diversas, atiradas num mesmo poço imemorial.

3. Naquele dia liguei o *plug* na tomada, regulei o trecho escolhido na fita do cassete. No quarto, estávamos eu, o bugreiro que dormia e o doutor Reinaldo, jovem médico do INAMPS na localidade.

“Mas você ainda não conseguiu identificar as vozes?”, perguntou o doutor Reinaldo, um tanto indiferente com a experiência.

“Não, não consegui. Parecem de personalidades distintas que viveram em épocas distintas. Mas isso por ora não me preocupa. O acontecimento por si só supera qualquer interesse imediato pelos detalhes.”

Após curtos momentos de puro ruído da fita, a primeira voz começou a falar no gravador:

“Eles estão se aproximando!” – era uma voz abaritonada e cheia de ansiedade, com sotaque germânico, parecendo a de um colonizador do Vale do Itajaí. “Schramm acabou de avistá-los na roça de mandioca, três bugres no alto, ao lado do rancho de secar tijolos e telhas. Schramm foi buscar a espingarda no dormitório, ele é um louco, saiu em direção à roça, acha que pode falar aos bugres por mímica. Toepel e eu carregamos as espingardas restantes, que foram sendo distribuídas por todos os homens da fazenda. Somos cinco ao todo, fora as duas mulheres com as duas crianças. Há também a criada negra Lizete. Ficou decidido que Toepel, a criada e as crianças iriam de canoa pelo rio até o povoado próximo, na embocadura do rio, avisar os bugreiros que moravam ali. Eu e o capataz Lourenço saímos no encalço de Schramm. As duas mulheres estão no sótão da casa. Müller está com elas, armado, ao lado da pequena janela da qual se avista a roça.”

Seguiram-se ruídos da fita e depois algumas exclamações e frases em alemão, bastante confusas e roucas, pronunciadas por outro tom de voz. Desliguei o toca-fitas.

“Parecem primitivos colonizadores de Blumenau”, disse o doutor Reinaldo.

“Tudo indica que sim; talvez do núcleo de Velha.”

“Fico a pensar por que saíam de sua pátria e vinham para esse matão cheio de bugres.”

“Ora, é uma longa história, mais ou menos conhecida”, respondi, sabendo que o doutor Reinaldo a desconhecia quase completamente. Resolvi acrescentar: “A atração do imigrante foi feita com muito engodo, muita publicidade dúbia, elaborada por agentes interessados de um modo ou de outro na colonização. O pobre imigrante vinha para cá na maioria das vezes trazendo uma imagem na sua mente que não passava de fruto de grosseira mistificação. Uma vez aqui, tinha de aguentar as pontas.”

Regulei a fita num outro trecho.

“Ouça isto. Foi gravado no mesmo dia que o anterior, com algumas horas de diferença.”

Era uma voz nervosa e apressada, que falava dando a impressão de estar a ler um texto:

...a maior parte dos muares, Lemos enviou pela estrada mais segura, e para verificar o estado da picada escolheu a mim e ao bugreiro Machado, conhecedor do mato e experimentado matador de bugres, com um faro melhor que o de um cachorro. Num inesperado momento, pareceu que todas as árvores gritavam como se fossem corujas, gaviões ou macacos. O bugreiro Machado estava na vanguarda da tropa. Pulou da mula e iniciou o tiroteio. Algumas flechadas atingiram o animal e este caiu no precipício. Eu escondi-me por entre as pedras e cobri-me com um balaio. Para o bugreiro acabaram-se as balas. Tirou o facão e pulou para um buraco ao lado. Um dos bugres apareceu no caminho, porém Lemos,

meu patrão, que ainda possuía balas, atingiu-o com boa pontaria, porque ele tombou. Para os nossos faltaram balas e para os índios flechas, porque lançaram-se com tacapes. Um outro pulou sobre o bugreiro Machado. Preparou-se para abatê-lo a tacape; este enroscou-se no barranco e Machado desferiu-lhe com o facão um golpe, abrindo-lhe o ventre. O infeliz quis com as mãos segurar os intestinos, porém caiu sobre eles no chão. Apareceu um terceiro. Antes porém que pudesse movimentar o tacape, o bugreiro enfiou-lhe o facão nas costelas. Os restantes titubearam. Parecia que não queriam continuar a luta, quando o maior deles urrou vingança e pulou ferozmente. Antes de atingir, o facão abriu-lhe o ventre. Neste momento os outros, gritando horripelantemente, fugiram...

A voz cessou com um arfar de cansaço, como se lhe faltasse o fôlego.

“Que tal?”, perguntei ao doutor Reinaldo, desligando o toca-fitas.

“Puxa vida, parece que a civilização e o progresso estão fatalmente ligados à destruição e à carnificina, em todos os lugares!”

Civilização? Progresso? Eu estava perplexo com a inesperada conclusão do médico.

Mas ele mudou o rumo das indagações:

“Parece que a narrativa se desenvolve num local diverso da gravação anterior. Como é possível isso? Teria o nosso acidentado sido testemunha desses fatos?”

“É muito pouco provável. Ele atuou em região bastante afastada do Vale do Itajaí e é quase analfabeto. As vozes são de outras pessoas. E ainda posso acrescentar um fato interessante.”

O doutor Reinaldo esperou em silêncio, com uma expressão interrogativa.

“A última gravação, palavra por palavra, é a narrativa de uma testemunha de expedição de uma tropa de bugreiros, tomada por Wachowicz e apresentada no trabalho *A Imigração e os Botocudos (Xokleng) do Taió*. O trabalho é uma separata dos Anais do IV Simpósio Nacional dos Professores de História, publicado em 1969, em São Paulo.”

“Deus do céu, isto é pura mediunidade!”

Neste instante, algo nos surpreendeu e nos fez voltar a atenção para a cama do acidentado.

Em seu sono febril, o bugreiro se contorcia num acesso de riso. Eram gargalhadas sarcásticas, roucas, como rosnados de cachorro.

4. No dia seguinte, nada aconteceu de inusitado durante a manhã e a tarde. A febre do bugreiro continuava estacionária, mas o doutor Reinaldo garantia o seu restabelecimento para breve. A propósito, neste dia o doutor Reinaldo começou a assumir um comportamento de excessiva familiaridade que, no fundo, não me agradava muito. Na sua visita da tarde falou-me do “Buraco da Onça”, uma casa de putas a cinco quilômetros dali e, entre sorrisos maliciosos e cutucando-me com o cotovelo, perguntou se eu não estaria disposto a “dar uma respirada” logo à noite.

“Não posso deixar o nosso homem sozinho no estado em que está”, respondi.

Eu me hospedava numa pequena casa pertencente à prefeitura e, a não ser nos instantes em que uma servente idosa vinha para trazer uma marmita e fazer a limpeza, o

restante do tempo ficava só com o bugreiro, os poucos livros e anotações.

“Isto não é problema”, disse ele, “por cinquenta cruzeiros o Batista, nosso auxiliar de enfermagem lá no INAMPS, ficará algumas horas aí de plantão”, e piscou um olho esperto.

Acabei indo. Deixei uma chave com o Batista - um sujeitinho miúdo, sardento e de cabelos ruivos espetados - e levei outra comigo, para o caso de voltar tarde da noite e encontrar o enfermeiro a dormir. Também dei instruções para que buscasse gravar quaisquer palavras acaso pronunciadas pelo bugreiro.

O “Buraco da Onça” correspondia mais ou menos à péssima expectativa que eu alimentava a seu respeito. Era um barracão imenso de dois andares, construído em madeira. No térreo havia um salão de dança e um bar, animados por músicas de discos, boleros e baladas românticas da pior espécie. Uma dezena de pobres mulheres da região, algumas bastante vigorosas, mas desleixadas, esforçavam-se por assumir ares de panteras e percorriam as mesas, debruçavam-se sobre os ombros dos frequentadores meio embriagados, “Paga uma bebida, bem?” Algumas delas conseguiam levar os mais afoitos para o salão de dança ou para o dormitório do segundo andar.

Havia aquela zoeira característica de vozes que se misturavam, risadas, música mal ouvida, tilintar de garrafas e copos. E a atmosfera carregada de fumaça dos cigarros e do cheiro das bebidas. Poucas horas depois, o doutor Reinaldo estava bêbado e saiu da mesa para dançar, as pernas trôpegas, firmando-se nos ombros de uma rapariga

bastante jovem, com feições de cigana. Fiquei à mesa com o Waldir, oficial de gabinete da prefeitura, um indivíduo corpulento e de poucas palavras, que se reunira a nós assim que chegamos. Ele não bebera e, da mesma forma que eu, dava a impressão de a cada instante enfastiar-se mais daquele ambiente.

“Bom, parece que hoje não estou a fim”, disse ele, de cabeça baixa, sem me olhar, “acho que vou embora”, e fez um movimento para levantar-se.

“Espere... Olhe, eu gostaria de sair também. Mas o doutor Reinaldo...”

“Se o senhor quiser esperar o doutor Reinaldo, vai ter de dormir aqui”, disse ele com um sorriso que procurava ser significativo.

“Não há problema nenhum em deixá-lo?”

“Ao doutor Reinaldo?”, exclamou abrindo os olhos, como se eu acabasse de pronunciar um nome estranho. “Ele é macaco velho”, disse em seguida, cabisbaixo, “e o mulherio daqui já sabe como lidar com ele.”

Decidi aproveitar a carona no jipe da prefeitura e voltamos em silêncio pela irregular estrada de barro, ladeada pelas sombras das campinas e florestas, dentro da noite.

5. O que sucedeu depois foi noticiado nos jornais de Florianópolis e gerou uma situação de grande constrangimento na universidade em relação ao meu trabalho. Senti que alguma coisa de estranho deveria ter acontecido, quando o jipe parou diante da casa. Àquela hora da noite, a porta da frente se achava entreaberta, lançando uma réstia de luz na rua escura. Pedi ao Waldir que me

esperasse, enquanto descia do carro para espiar o interior do quarto.

O enfermeiro Batista jazia estendido de barriga no chão, desacordado, a poucos passos da cama do bugreiro, tendo um ferimento na cabeça. Os meus livros e apontamentos se espalhavam por todos os lados, as folhas arrancadas e espicaçadas. As duas fitas gravadas que eu deixara sobre uma pequena mesa junto à máquina de escrever portátil tinham sido também inutilizadas. Estavam no chão, violentamente pisoteadas.

O bugreiro desaparecera.

6. No dia seguinte encontraram-no morto, próximo de um riacho, alguns metros para o interior da entrada da mata nos arredores do povoado. O seu rosto tinha o esgar feroz de um bugre morto em peleja. Foi aberto inquérito pela delegacia de polícia local. A notícia se espalhou, trazendo-me grande aborrecimento e descrédito. O enfermeiro Batista relatou o motivo por que se encontrava ali e nada soube dizer sobre o que acontecera, a não ser que havia sido “atacado de surpresa, pelas costas, quando se dirigia ao gravador.”

O gravador! A fita que ainda deveria estar ali, intacta, poderia revelar qualquer coisa que melhorasse a posição vexatória em que me achava. Infelizmente, as poucas palavras registradas na fita apenas contribuíram para aumentar as desconfianças a meu respeito. Calmas, nítidas, elas diziam:

*Cada pedaço desta terra é sagrado para meu povo.
Cada ramo brilhante de um pinheiro, cada punhado de areia
das praias, a penumbra na floresta densa, cada clareira ou*

inseto a zumbir são sagrados na memória e experiência do meu povo. 141

Não havia dúvida e chegava a ser ridículo. Eram algumas linhas da conhecidíssima resposta do Chefe Seattle ao presidente dos Estados Unidos, pelos idos de 1854, documento que se tornou banal pela excessiva divulgação através dos tempos. E, entre todos os que ouviram a gravação, eu mesmo poderia jurar que se tratava da... *minha VOZ.*

EXERCÍCIOS BURGUESES

Ele era um homem com mais de cinquenta anos, inteligente, lúcido, mas também impulsivo e às vezes espiritualmente brutal que, de súbito e sem explicações, se deixara arrastar não propriamente pelo remoinho da vida, mas por aquele sentimento fáustico do gozo liberto de sensações recônditas. Certo, a nostalgia das possibilidades sedutoras e mal aproveitadas da juventude.

Abandonara a casa e o casamento de muitos anos com Maria Helena; todos sabíamos de suas insensatas aventuras, que era visto em automóveis ao lado de garotas desinibidas e excessivamente pintadas ou costumava ficar atrás de uma taça de vinho, em mesas noturnas e boêmias, a tagarelar veemente sob a elegância à italiana, apurada, um tanto anacrônica, com uma malta de rapazes em *blue jeans*, cabelos hirsutos e barbas por fazer.

Fui procurá-lo, embora suspeitasse de que nada de positivo poderia conseguir. Estava morando em um dormitório de terceira categoria numa rua estreita de casario antigo e pardacento, ainda que no centro da cidade. O térreo daquele velho sobrado de dois andares era ocupado por um bar pequeno e sujo. Quando entrei ali, por volta das três horas da tarde, um operário de macacão contava piadas ao crioulo do outro lado do balcão, e ambos riam. O crioulo era esguio, usava um avental branco encardido, tinha uma imensa cabeleira crespa armada à custa de laquê, calças justas às pernas e gestos efeminados. Servia um copo de café preto e um sanduíche de queijo ao operário.

“Se é dinheiro que o senhor procura, veio na hora errada”, o crioulo soltou uma risada e piscou para o operário, “todo mundo sabe por aqui que o velho tá na pior.”

O operário também riu: “O trouxa financiou um fusca pra Vaninha e ela se mandou pra Porto Alegre.” E o crioulo ajuntou: “a maré do carteadado tá baixa e o ordenado dele não dá nem pra saída.”

“Pois eu quero falar com ele assim mesmo, pombas, não dá?”

O crioulo me olhou firme, encolhendo os ombros com expressão ofendida e depois estendeu o braço indolente e majestático para um biombo, atrás do qual se achava a escada para o andar superior.

Cheguei a um corredor deserto entre paredes de madeira que delimitavam os inúmeros quartos, em cada lado. Havia um cheiro característico que lembrava serragem, lençóis mal lavados, fronhas de algodão, travesseiros de paina, jarros e bacias de lavatório.

Ele me atendeu com uma cordialidade natural, embora eu tenha suspeitado lampejos de contida ironia no olhar e no sorriso. Usava uma calça de pijama listrada, estava descalço e o tronco nu, naturalmente devido ao calor. Sobre a cama desfeita, da qual talvez tivesse sido forçado a levantar-se, havia uma edição de bolso de Ellery Queen, aberta e com a capa voltada para cima.

Arrastou uma cadeira para mim e sentou-se, ele próprio, na beira da cama. Depois de algumas banalidades introdutórias, “pô, faz um calor miserável”, “é, de fato”, fui percebendo o quanto os seus olhos estavam injetados e que as peles do pescoço, do peito e dos antebraços se franziam com os estigmas da velhice. Mas o espírito continuava

aparentemente tão lúcido e mordaz como sempre o fora, acrescido agora de um toque de ceticismo ou mesmo de cinismo. E quando mencionei o nome de Maria Helena, sugerindo a possibilidade de uma reconciliação, apenas compôs uma expressão divertida, levantou-se e foi até a estreita sacada que servia de janela, defendida por gradeado metálico cheio de arabescos.

“Me sinto muito bem assim como estou”, disse simplesmente.

“Na libertinagem e na desordem?” Então tentei provocá-lo: “ou será que você tem algo grandioso a realizar e não nos quer dizer?”

Ele ficou em silêncio um instante, a olhar a rua lá embaixo. Falou sem se voltar:

“Podemos dizer que é um pequeno exercício de liberdade individual. Não se pode fazer nada de grandioso quando não se tem a grandeza dentro de si, como é o meu caso. Mas nem por isso deveremos abdicar da liberdade individual, por mais estúpida que ela seja. Reconheço a minha posição anormal, quase monstruosa, dentro do sistema rígido que se desenvolve ali fora. Talvez eu seja um religioso ao contrário, um tipo peculiar, único, de religioso, que optou pela... pela entropia... pela desagregação espiritual e orgânica...”

“Você está é louco!”

“Por quê? É uma simples questão de opção e de coragem. Olhe, quando dezenas ou centenas de pessoas acomodadas e infelizes perceberem que a infelicidade pode ser dirigida em proveito próprio – num pequeno exercício de liberdade individual – então pode ser que o exemplo encoraje os realmente talentosos para uma experiência

vital das coisas grandiosas. Talvez o que falte a essa gente lá embaixo seja apenas imaginação para criar o seu próprio inferno, em vez de aceitar o inferno que lhes é imposto.”

Ele sofismava, está claro, tentava me iludir, ou simplesmente me gozava. Agitei-me na cadeira: “E daí você gasta o seu dinheiro nas mesas de jogos e financia carros a vagabundas que não querem saber de você?”

Ele se voltou rápido da janela e me encarou desafiante:

“Muito bem! E o tempo e o dinheiro que perdi estupidamente a financiar a vida de Maria Helena, uma pequeno-burguesa ociosa e inútil, em nome de um pretenso e já desgastado amor ou uma pretensa dignidade familiar? O que você diz a isso?”

“Ora, seu...”, o sangue me subiu ao rosto. Ele riu melancólico e continuou implacável:

“O seu interesse por ela é conhecido e antigo, mas, com os diabos, por que não consola você mesmo a sua doce amiga, como sempre o desejou, em vez de servir-lhe como moço de recados, escrupuloso e pedante?”

Ele me virou as costas, voltou para a sacada. Um ódio absurdo, quase insuportável, sufocava o meu peito. Eu não podia permitir que ele falasse desse modo de Maria Helena, nem compreender como um dia ela tivesse preferido esse crápula a mim... Era fácil matá-lo agora, empurrá-lo daquela sacada ou esmagar o seu crânio com uma cadeira. Mas um ato desse tipo só poderia aniquilar-me, destruir os esforços de toda uma vida para atingir o ponto a que cheguei.

Fui embora apressadamente, sentindo a opressiva sensação de que eu também não nascera para as coisas grandiosas.

IRPVII

Quando vi o imponente edifício de doze andares no qual diziam ficar o Instituto de Resguardo e Proteção dos Válidos, Inválidos e Inativos (IRPVII), lembrei do pedido de minha mãe para que tomasse providências sobre a pensão a que ela teria direito, desde a morte de meu pai. Dizia-me sempre ela: “O seu pai foi inativo a vida inteira. É justo que eu receba a pensão.”

Movido por um desses impulsos repentinos para solucionar questões, subi apressadamente com dezenas de outras pessoas a escadaria de mármore da entrada do edifício. Atravessei os portais envidraçados e, depois de alguns minutos numa fila, consegui chegar ao elevador para o sétimo andar.

Bonito local. Ao sair do elevador, estava num corredor de paredes inteiramente decoradas com pinturas exuberantes e incompreensíveis. Eram imagens coloridas que pareciam sugerir figuras humanas, mas tinham cabeças triangulares, não se viam olhos nem bocas e, em algumas delas, círculos acinzentados ocupavam a posição dos seios. Fui seguindo pelo corredor na direção de um pequeno aglomerado de gente diante de um guichê que se podia avistar alguns metros além. As pessoas se comprimiam ante o guichê, sobre o qual estavam escritas as palavras *Informações - Entrada*.

À primeira vista parecia não haver ninguém do outro lado para atendê-las. Mas como todos olhassem estáticos e fascinados pela abertura do guichê, fiquei nas pontas dos pés, apoiando-me sobre dois ombros indiferentes a minha

frente, a fim de poder espiar também o que acontecia no outro lado. Pude ver lá para trás da parede divisória a mulata gorda, de seios fartos e caídos sob a blusa vermelha, sentada diante da garrafa térmica sobre uma pequena mesa envernizada e cor de pinho. Cabeça inclinada para um lado, a mulata concentrava os olhos no copo de café com leite a sua mão esquerda, enquanto a mão direita empunhava um sanduíche, que ela ia mastigando com as bochechas infladas.

“Qué que está acontecendo?”, perguntei em voz alta e num tom generalizante, enquanto voltava à posição inicial.

“É a hora do lanche”, respondeu uma velhinha magra, de rosto alongado e amarelo, me lançando um olhar rápido, para em seguida voltar a olhar fascinada pela abertura do guichê.

Depois de algum tempo, suficiente para eu examinar o curioso grupo de velhotes e figuras macilentas que me circundava, a mulata terminou o lanche e se aproximou do guichê. Com voz estridente, autoritária, começou a distribuir papeletas, a carimbar requerimentos, a cobrar taxas e instruir as pessoas para os locais que deveriam ir. Às vezes entretanto suspirava, intumescendo os amplos seios. Então o seu olhar corria pelo grupo, sem atentar ninguém, como o de um experimentado e sofrido ator de um circo decadente com repertório imutável.

O meu caso era especial e um tanto complicado, teve ela de reconhecer com certo interesse. Não havia documentos comprobatórios, pois meu pai, na sua majestosa displicência, nunca se preocupara com o futuro de quem quer que fosse. Entretanto a mulata gorda examinou fichários, meditou sobre o assunto e acabou me

aconselhando a falar com o doutor Pestana, Álvaro Pestana, o superintendente, que estava na sala dez, no sexto andar.

Tenho o hábito de assobiar baixinho pequenos trechos de música popular, quando estou preocupado com alguma coisa. No sexto andar passei a andar apressado pelos corredores, a assobiar baixinho, procurando a sala número dez... Não era tarefa muito fácil, pois uma infinidade de portas se abria em cada ala, pelas quais eu via pessoas a se movimentarem, entrando e saindo; funcionários que remexiam em arquivos metálicos; bandos de datilógrafas metralhando em suas máquinas.

A porta estava fechada e tinha sobre ela o número dez desenhado em tinta azul. Bati com os nós de dois dedos encolhidos da mão direita: ninguém apareceu... Bati de novo: ninguém. Bati outra vez: ninguém. Então me permiti abrir uma fresta e espiar a sala do doutor Pestana. Era uma sala ampla, tendo no centro uma extensa mesa retangular ao redor da qual estavam sentados três indivíduos impecavelmente vestidos, que escutavam atentos o que dizia um quarto indivíduo também impecavelmente vestido, que se achava de pé frente a um grande mapa do Estado pontilhado de alfinetes de cabeça esférica vermelha. O mapa ocupava dois terços da parede sobre a qual se achava fixado. Tendo uma vareta nas mãos, o quarto indivíduo apontava com ela para o mapa e parecia estar em meio a uma dissertação sobre inextricáveis problemas administrativos.

Enfiei o corpo pela fresta e acabei sentando numa poltrona próxima da porta. Eu precisava identificar o doutor Pestana e resolver as coisas de uma vez, porque reconheço

que jamais faria qualquer negócio se o deixasse para mais tarde. Ninguém se incomodou ou mesmo deu atenção a minha entrada.

“Como os senhores podem deduzir do que foi dito”, escutei falar o homem da vareta, “o IRPVII tem uma função que transcende o mero benefício social: ele corporifica os aspectos *mágicos* do Estado, no sentido de assegurar aquele sentimento coletivo de segurança que é absolutamente essencial para o cumprimento de uma decisão. Em síntese, o nosso trabalho não diverge nos seus fundamentos do trabalho do sacerdote. Os nossos templos são os órgãos de administração pública, o nosso Deus na verdade é o Estado, os nossos dogmas são os postulados e as leis da Burocracia. E saibam que, quanto mais culturalmente débil o sistema, mais sólidos e rigorosos devem ser implantados os fundamentos.”

“Vejam”, o homem indicou com a vareta o mapa pontilhado de alfinetes, “a ação do IIRPVII se faz sentir nos mais longínquos rincões do Estado, atingindo todas as classes sociais e um cadastramento que se aproxima de setenta por cento da população. Essas pessoas hoje *dependem* do IIRPVII, dificilmente sobreviveriam em segurança sem ele. Se fechássemos as portas de repente, o colapso do sistema seria bastante provável. Não é isto um poder, um poder real e inquestionável?”

“Meus amigos”, continuou o homem da varinha, “acho que ficou suficientemente clara a delicada e espinhosa missão que vos aguarda à frente das três novas agências no interior. Afinar cada vez mais o processo com a lucidez de vossas inteligências é o que espera a superintendência-geral

do IIRPVII. Agora podemos tratar dos detalhes puramente administrativos que...”

O homem interrompeu de súbito o que vinha dizendo, pousou a vareta sobre a mesa e correu os olhos para um lado e outro, como à procura de alguma coisa. Então senti que o seu olhar se fixava na minha direção:

“Onde diabos você pôs a água?”, gritou ele, enérgico.

“A água?”, perguntei surpreso e aturdido, dando um pulo da poltrona.

Os três indivíduos impecavelmente vestidos, que estavam sentados a minha frente, giraram os pescoços e me olharam de esguelha.

“Sim, a jarra de água e os copos, onde estão?”

“Mas eu não sei... eu...”

“Que diabo você está fazendo aí?”, berrou ele, exasperado. “Vá buscar a água imediatamente!”

Nesse instante a porta se abriu e entrou na sala um bendito sujeitinho vestindo uma espécie de gandola cáqui, trazendo a jarra de água e os copos numa bandeja de plástico. O homem então me examinou com maior atenção, tendo o ar de quem compreendia afinal o engano cometido.

“Quem é você e como entrou aqui?”, perguntou cauteloso.

“O senhor é o doutor Álvaro Pestana, o superintendente?”

“Sim, sou eu.”

Expliquei da melhor maneira que pude o problema da pensão para a minha mãe e o fato de que me haviam aconselhado a falar diretamente com o superintendente para os devidos esclarecimentos. Notei que o homem parecia irritar-se à medida que eu falava.

“É o problema crucial que os senhores irão sentir na própria carne”, disse ele, voltando-se para os três indivíduos impecavelmente vestidos, “a desqualificação da mão de obra, o despreparo quase absoluto para o entendimento do mais simples sistema de informações. Somos ainda missionários na selva.”

Os três indivíduos tornaram a girar os pescoços e a me lançar olhares oblíquos de menosprezo, como se eu fosse o grande culpado de tudo.

“Meu caro”, falou o homem da vareta, procurando dar à voz uma tonalidade de infinita paciência, “eu nada tenho a ver com o seu caso no estágio em que ele se encontra, entendeu? Você deve procurar, no segundo andar, o setor de “Situações Omissas e Esdrúxulas”. Lá darão início ao processo que posteriormente será examinado pelas seções competentes. Entendeu tudo? Então passe bem e boa tarde.” Ele me voltou as costas e estendeu as mãos para a jarra de água sobre a mesa.

...e o burburinho contínuo de vozes, de risos, de exclamações irritadas ou de irrefletida impaciência, e o choro estridente de crianças de colo, e o calor abafado que nascia dos corpos, dos numerosos corpos apertados em fila pelo corredor interminável de paredes nuas, e aquele povo heterogêneo que cheirava à pobreza e desamparo, trazendo as suas marmitas e garrafas térmicas para as horas de espera, as longas horas de espera no segundo andar. Lá adiante podia ser vislumbrada a saleta onde alguém recebia com lentidão pessoa por pessoa e os problemas que cada qual podia levar consigo.

“Puxa vida, nunca imaginei que houvesse tantos casos omissos e esdrúxulos!”, dizia comigo, ocupando o último lugar da imensa fila. O último lugar? Não por muito tempo, pois o elevador era incansável no seu vaivém, despejando sempre mais figuras inquietas ou depauperadas para o local.

Sentindo o cheiro animal de povo reunido, em meio ao colorido fosco e ordinário das roupas tão modestas quanto a minha, pensava: “Taí o povo com o seu sentimento manso” e sentia também que estava muito próximo deles todos, na busca, na espera, no desperdício de paciência, que era toda a história da minha vida e da vida daquela gente, infância parca e deslumbrada, paixões morenas, foguetes e luzes de improvisada alegria, carnaval de promessas e de tristezas.

“Ai, minha mãe”, pensava e pensava, “ai, minha mãe, que só cuida da cozinha e da pensão do finado marido.” E tornava a pensar: “Ai, minha mãe, que me sacrifica com a sua vida e me pôs no mundo como um seguidor de seus desejos. Ai, minha mãe, geradora de toda essa gente!”

E quando no segundo andar o cansaço exasperava a todos nós e de repente um que outro indivíduo olhava enfurecido a sua volta e gritava alto “Isto é uma verdadeira esculhambação!” e todos riam e concordavam, ou quando um rebuliço motivado por qualquer desmaio despertava sentimentos de apreensão e desassossego e fazia mulheres se acotovelarem solícitas em busca de copos com água, ou quando se formavam pequenos círculos ou aglomerados sentados no chão, que batiam palmas e cantavam ao som de sanfonas ou violões surgidos não se sabia de onde, eu ainda pensava: “Ficarei aqui um dia, um mês, a vida toda?” e pensava também no meu finado pai, boa praça, flautista

154 doméstico, funcionário relapso, brasileiro, casado, e dizia:

♦ “Que as administrações o tenham em bom lugar!”

Ecos no porão

Às vezes, de súbito, sacudidos por um frêmito de esperança que perpassava toda a fila, a gente conseguia enfim deslocar mais um passo adiante pelo corredor.

AS PULSAÇÕES

Pelo telefone ele me disse que o seu escritório ficava no edifício Netuno, que formava uma imensa galeria comercial bem no coração da cidade. Às dez horas, subi apressado as escadas para o terceiro andar, em meio a um sem-número de pessoas desconhecidas e também apressadas que subiam e desciam. Do patamar para a direita, no terceiro andar, de ambos os lados do corredor amplo e iluminado como dia, abria-se uma sequência de escritórios os mais diversos, de advogados, de seguradoras, de publicitários, de pequenas ou grandes firmas do interior.

“Ah, sim”, disse-me ele, quando surgiu à porta. “Entre, por favor.”

De início decepcionei-me um tanto com o seu aspecto: pareceu-me um camponês anguloso e atarracado, metido num terno de casimira cinza-claro, de corte anacrônico e usando uma indiscreta gravata vermelha. Mas a decepção era logo desfeita pela sólida energia e vitalidade dos gestos e do olhar. Foi direto ao assunto.

“Sabe, trata-se de uma descoberta casual, quando eu me iniciava nos exercícios da pesca submarina. Passei a chamá-las de *pulsões* e encontrei-as numa lagoa de águas amareladas do interior da ilha, entre dunas e vegetação rasteira. Me disseram que o senhor poderia interessar-se. Vamos vê-las?”

Deixamos o escritório e seguimos até o local dos três elevadores, dos quais apenas um deles conduzia ao subsolo.

“É uma preocupação constante”, disse ele, no elevador para o subsolo. “Tenho procurado manter um meio

ambiente de sombra e umidade, embora não esteja certo da maneira adequada de tratá-las. Não gostaria que *morressem*, apesar de não representarem outra coisa para mim do que uma descoberta curiosa.”

Enquanto falava, em tom despreocupado, ele me atirava de soslaio curtas olhadelas avaliadoras e eu pude perceber as suas intenções de valorização dos cuidados que empregava.

De fato, sobre um estrado de madeira apoiado em cavaletes, no espaço exíguo e obscuro do subsolo, havia quatro recipientes que à primeira vista, logo que entramos, pareceram-me bacias ou gamelas. As paredes do subsolo eram de puro concreto ferruginoso e enrugado. A claridade vinha apenas da iluminação insuficiente do interior do elevador aberto.

Era ansiedade e também, por que não dizer, algum temor, que eu comecei a sentir diante daquelas gamelas sombrias, em cada uma das quais formas estranhas jaziam sobre uma camada de serragem e mergulhadas em água. A ideia de um puro pensamento, original, ativo, incansável no esforço gigantesco de concentração para a busca de uma forma, essa ideia me amedrontava não de agora. Com frequência sempre maior, nos últimos meses, as minhas impossíveis cogitações se dirigiam para esse pensamento doloroso e persistente, que no seu estado de isolamento, finalmente pela força de uma vontade cósmica a ele imanente, ia criando primitivas e rudes configurações materiais, germens pulsantes, que após seculares transmutações ou mortes do invólucro físico, alcançaria um dia a definitiva forma, para depois inexoravelmente desintegrar-se numa onda de energia; por quê? para quê?

“Veja”, as mãos dele mergulharam brucas na água e levantaram uma estrutura ovoide, escamosa, como feita de gelatina endurecida e queimada. “O que me chamou a atenção, assim que a peguei na lagoa, foram as pulsações interiores, que se assemelhavam às de um coração batendo...”

Enquanto o braço se estendia e a minha mão pousava, como uma criatura independente, sobre a massa pulsante, uma corrente de tensão despertou para a memória as infinitas imagens imprecisas, mal definidas, que o devaneio abstrato muitas vezes presentia já haverem existido num mundo remoto e líquido, povoado de seres cuja existência era apenas um latejar da vontade imersa em charcos aquecidos. E por uma dessas coincidências que a probabilidade revela, o ritmo daquelas vibrações era terrivelmente familiar, como se pertencesse à mesma classe das vibrações que impulsionavam a minha carne e todo o meu ser para uma continuidade que vinha de um passado indecifrado e ia para um anseio não vislumbrado.

Mergulhei de volta a estrutura para a gamela. Fiz um sinal de aquiescência para ele. Esperei-o depois no elevador, durante alguns instantes, ainda com um tremor de excitação, até que ele se aproximou sobraçando um embrulho cilíndrico envolto em folhas de jornais.

No escritório preenchi o cheque. À saída, ele me apertou fortemente a mão, inclinando a cabeça. Saí apressado levando comigo a última imagem de um rosto atencioso, mas um tanto perplexo, que relutava mostrar na linha de um sorriso sutil, a irônica incompreensão de um acontecimento vantajoso e insólito.

PSICOCINESIA

Será por que a mulher se consumia no fundo de uma cama, quase imprestável, corroída por doença que não se nomeia? Será por que era um homem rude, analfabeto, trabalhador braçal e biscateiro? Pelas manhãs, ultimamente, tinha ficado no casebre. Olhar os filhos, ajudar. Foi numa manhã que ouvia a filha mais velha, dezessete anos, pedir do apertado cubículo que era banheiro, “pai, pega a toalha que eu esqueci”. Pegou a toalha, “olha a toalha, filha”, uma pequena fresta da porta do banheiro se abriu. A inconsciência do coração batendo mais apressado. Neste instante preciso o menino gritou na cozinha que a cadeira estava subindo. “A cadeira está subindo! A cadeira está subindo!” Todos correram pra ver. A cadeira estava no ar, sem que ninguém ou nada a sustentasse, como num espetáculo de mágica.

“Que brincadeira é essa?”

“Meu Deus, é um espírito!”

“Pega ela, puxa pra baixo!”

Mas ninguém tinha coragem de chegar perto. A cadeira desceu por si mesma, suavemente. Nada mais aconteceu. A perplexidade e o susto iniciais acabaram se transformando em prosaicas explicações. O pai chegou até a notar que a filha mais velha ainda estava com a toalha enrolada no corpo, os cabelos molhados escorridos, um pedaço de coxa morena aparecendo.

Naquela noite começaram as batidas na janela. Eram cerca de 23 horas, todos se encontravam deitados. Num quartinho, o pai e a mãe; a mãe voltada para a parede de madeira, ressonando agitada, o corpo consumido. Os três

filhos no outro quartinho em esteiras espalhadas pelo chão. Então começaram as batidas na janela. O pai levantou, foi ver quem chamava àquela hora. Abriu a porta da cozinha, espiou o quintal, que era um terreiro aberto cheio de capim. Não havia ninguém. Ele achou estranho e voltou para a cama. Mal deitara, as batidas se repetiram, ritmadas, um tanto abafadas. Levantou outra vez, abriu a porta, saiu pelo quintal. Alguns cachorros latiram na distância. Mas não viu ninguém no escuro da noite. Apreensivo, tornou a voltar ao casebre.

“Quem é que estava batendo, pai?”

A filha mais velha olhava assustada da porta do quartinho, a camisola justa, ordinária, meio transparente; as mãos tentando esconder o decote que descobria parte dos pequeninos seios.

“Não é nada não, filha, vai deitar”, disse o pai com voz rouca.

Assim se passaram três noites. As pancadas se faziam cada vez mais violentas; na segunda noite partiu-se a dobradiça da janela. Por isso a mãe acordara sobressaltada em meio a crises de dores. Ninguém conseguia dormir. Na terceira noite eram quase todos figuras abatidas, amedrontadas, que se arrastavam à procura de um invisível atormentador. O pai ficou horas do lado de fora do casebre, numa vigília enervante, queria surpreender “aquele demônio”. O que viu foi um velho pneu atirado no quintal, brinquedo do filho pequeno, levantar-se e ficar pousado no ar durante alguns segundos. Desta vez ficou a olhar sem qualquer surpresa, sentia a estranheza conformar-se ao seu próprio íntimo.

Mas houve uma trégua de dois dias. Surgira a empreitada de um muro que fazer, o pai saía cedo, trabalhava oito horas batidas, ia ganhar dinheiro para uma semana de feijão e remédios. À tardinha, quando chegava em casa, diziam-lhe que “a coisa” não aparecera. Então ele zanzava pelos cômodos, meio desnorteado; atendia a mulher imprestável com irremediável impaciência, procurava fazer coisas miúdas, chegava perto da filha mais velha, que lavava pratos ou passava roupa a cantarolar na cozinha, a blusinha justa e curta, o *short* colorido modelando formas. Queria ajudar, desajeitado, pressuroso.

Comprou uma garrafa de cachaça ao receber o dinheiro da empreitada. Levou-a para casa, junto aos pacotes de pão e carne. Não era de beber muito. A doença da mulher, os acontecimentos recentes deixavam-lhe no entanto os nervos tensos. Precisava de aperitivos, relaxar. Também o sentimento de algo incompreensível e novo, que o conduzia a distrações e devaneios descabidos, a vagos remorsos sem propósito. O reacender de uma saudade indefinida, a esperança mágica de um acontecimento propiciatório, maravilhoso, revelador.

Pois foi antes do meio-dia, ele já bebera alguns tragos e acabara de capinar um pouco o quintal, que tudo voltou a acontecer, agora com violência irreparável. Como se tudo fosse ensaiado, a voz da filha mais velha no banheiro pedindo a toalha, “esqueci outra vez a droga da toalha, pega ela pra mim, pai”. Correu lá fora a buscar a toalha que estava sob o sol, pendurada no arame de roupas. Sentia o repentino tremor nos braços, a opressão esquisita que agitava o cérebro e quase empanava os olhos. A pressa ansiosa, “olha a toalha, filha”. E a espera aflitiva à porta do cubículo. Um pequeno

lapso de tempo, exasperante como a angústia do abismo, como um fundo de mar no pensamento, voz imemorial despenhada no espírito. Enfiaram-se os braços pela fresta que se abria. A visão entrevista, sonho real, o atingível, o palpável. A luminosidade súbita cegando os olhos, como enorme e giratória rosa de fogo e, neste preciso instante, o estrondo que sacudiu toda a casa. Que acontecia?

Eram os pratos e vidros que se partiam projetados dos armários; eram as cadeiras que levantavam com fúria e se esfacelavam no chão; eram os gritos aterrorizados dos filhos menores, os gritos lancinantes da mulher no fundo da cama; eram as pancadas, as pancadas intermitentes, ensurdecedoras, nas paredes; e as pedras como chuva devastadora sobre o telhado. Eram também os arranhões no encosto do surrado sofá da saleta, que expunham tripas de algodão amarelado do estofa interno, como que arrancadas por unhas gigantes, acusadoras, vingativas.

O CAVALO EM CHAMAS

O soldado da polícia subiu os dois degraus da escadinha de madeira que levava ao interior do “Armazém São Jorge”. Vinha em chinelos, usava a calça cáqui de serviço e uma simples camiseta branca, sem mangas, que deixava à mostra os braços musculosos. Indivíduo de estatura mediana, moreno-escuro, constituição obviamente vigorosa, um filete de bigode sobre os lábios.

O “Armazém São Jorge” - como estava escrito na tabuleta à porta de entrada - não deveria medir além de doze metros quadrados. Um enorme balcão de madeira, ensebado pelo uso, cortado de arranhões, dividia ao meio o já exíguo compartimento. No assoalho, por trás do balcão, algumas sacas abertas e em pé, apoiadas na parede dos fundos, sob prateleiras, tinham retângulos de cartolina branca colados em seu corpo, com os dizeres: arroz, feijão, farinha, açúcar. Garrafas de aguardente, de conhaque ordinário e de refrigerantes nas prateleiras. Recipientes cilíndricos de vidro, agrupados a um canto sobre o balcão, continham bolachas, rapaduras, cartuchos de amendoim açucarado e caramelos.

O soldado se apoiou de lado sobre o balcão e pediu uma pinga. Era um sábado de tarde.

“Parece que o tempo vai mudar”, disse o polícia. “Acho que vamos ter uma lestada”.

Jorge Morais, o proprietário, contava e dispunha numa ordem de valores um punhado de notas amarrotadas da gaveta do balcão. Desviou os olhinhos vivos para o soldado, encarando-o alguns instantes em silêncio, como

a esforçar-se para entender o que havia sido dito. Depois tornou a contar o dinheiro, sem responder.

“Ainda não sabe da última?”, o polícia intensificou o tom da voz, mal se contendo para saborear o inédito e divertido da notícia. “O Gumercindo morreu!”

“Já era tempo”, resmungou Jorge Morais, numa careta, sem levantar os olhos.

“Ih! Ih! Ih! Estourou de tanto beber!”

“Ficou me devendo cem pratos.”

“Ih! Ih! Ih! Aquele negro era fogo! Morreu pendurado em todos os botecos da paróquia!”

Jorge Morais guardou o dinheiro no bolso de trás da calça, retirou da prateleira mais baixa um litro aberto de aguardente e colocou-o frente ao polícia.

“Beba à vontade”, disse. “É de graça.”

O outro se espantou:

“Ué, algum aniversário?”

“Beba à vontade.”

Miudinho e ágil, o proprietário tomou de uma escada e pousou-a obliquamente na parede do fundo. Pouco depois fazia descer as garrafas que se enfileiravam nas prateleiras, pousando-as deitadas umas sobre as outras no chão. O polícia observava tudo sem compreender.

“Está na hora de acabar com isto”, falou, de repente, Jorge Morais.

“O quê? Acabar com as garrafas?”

“Que garrafas! Acabar com esta porra de armazém!”

Atônito, o soldado viu o homenzinho descer apressado da escada. Como um animal tenso e agitado, que tem uma força obsessiva a angustiar-lhe o íntimo, ele caminhou nervoso de um lado para outro, atrás do balcão.

“Tá doido”, pensou o polícia.

Súbito, sem dizer palavra, Jorge Morais abriu a portinhola do balcão e veio para a saída. Pulou os dois degraus da escadinha de madeira à frente do armazém e ganhou a rua sem calçamento, cheia de buracos, que levava à rodovia asfaltada mais adiante. Sem olhar para trás, os passinhos apertados, a balançar os braços, a figurinha acabou por desaparecer na esquina com a rodovia, que nessa hora se movimentava num intenso cruzar de veículos.

Foi preciso que muito mais tarde, Vadico, o filho de quinze anos, viesse fechar o armazém. O soldado da polícia ainda estava lá, suarento, olhos injetados, a conversar animado com três ou quatro indivíduos, que bebiam aguardente, debruçados sobre o balcão.

“O pai é assim”, disse Vadico, calmamente, em resposta às indagações ansiosas dos homens no armazém. “Ele se aborrece quando as coisas não estão dando certo. Daí não quer saber mais delas. Ele se aborrece de vez. É uma doença.”

“E agora? O que ele vai fazer?”

“Sei lá!”, respondeu Vadico.

“Isso vai passar. Esteja certo que segunda-feira ele vem aí, irmão, de volta”, disse o polícia e, com os outros homens, bebeu o último trago para sair.

Vadico, no entanto, sabia que as coisas não seriam tão fáceis. Quando Jorge Morais entrou em casa, a mulher passava roupa sobre uma mesa de tábua lisa e sem pintura, armada na saleta de visitas. Era uma mulher pequenina, de braços muito finos e um rosto alongado, melancólico, compassivo. Parecia uma menina suave e envelhecida. Os dedinhos de criança mergulhavam agrupados e encolhidos num pires com água e borrifavam a fazenda estendida sobre

a mesa. Ouvia-se o chiado da água quando o ferro quente passava sobre a fazenda, levantando pequenas nuvens de vapor.

“Acabei com aquela droga de armazém”, disse Jorge Morais, inquieto, a voz cheia de rancor e despeito. “Não vou mais lá!”

A mulher viu-o agitar-se, caminhar nervoso de um lado para outro.

“Eu sabia”, disse ela baixinho. “Fui avisada.”

“Não aguento mais! Cinco duplicatas para pagar, aluguel daquele barraco apertado, IPI, ICM, previdência, o diabo a quatro, e nenhum financiamento pelos bancos. Um governo que fica só te fodendo com exigências e, além do mais, ninguém compra à vista, todo mundo quer fiado! Faz quatro meses que não retiro um puto dum tostão daquele armazém, só o que faço é trabalhar como um idiota para pagar despesas! Pombas, não há cristão que aguento!”

“Eu sei. Já te disse que fui avisada”, disse a mulher. “É que não acreditas...”

“Não acreditas! Não acreditas!”, Jorge Morais sacudia os braços, exasperado. “Eu acredito num maldito de um azar agarrado no meu couro: tudo o que fiz até agora deu para trás! Fico entalado até os olhos numa poça de compromissos, todo o mundo a me chupar o sangue e tu ainda vens com essa de ‘não acreditas’! Não acredito mesmo, porra! Não acredito e não acredito!”

“Ele vem vindo como sempre”, disse a mulher, estreme-cendo. “Como se estivesse montado num cavalo de fogo, um cavalo em chamas.”

Jorge Morais então emudeceu e ficou a olhar. Não era a primeira nem a segunda vez, mas o *fato* sempre

lhe confundia o espírito, paralisava-lhe os movimentos, infundia-lhe mesmo um leve calafrio de terror. Os bracinhos de criança da mulher tremiam, todo o corpo minúsculo se agitava em convulsões e o rosto se contraía em esgares, os olhos revirados para cima. Tudo se passou num instante. Quando as convulsões se acalmaram o corpo estava rígido, os olhos fixos, opacos, distantes.

“Ele está aí de novo!”, pensou Jorge Morais, assombrado. “Esse demônio está aí de novo!”

E, mais uma vez, ficou a ouvir a voz cava, rouca, tumular, daquela entidade imemorial que o advertia, que o exortava – que atribulava e tolhia desde há muito os seus passos, em todos os instantes –, como um espírito do mal, uma alma dos infernos, a penar solitária em busca de penitência.



Este livro foi editorado em Utopia, fonte projetada por Robert Slimback em 1989. Seu nome vem da singela pretensão de combinar características dos tipos transitórios do séc. XVIII [como a tensão vertical e o contraste acentuado] com inovações dos tipos moderninhos [como as serifas indefinidas e os miolos abertos]. Utopia é uma boa fonte para ecos e aforismos.

Miolo em papel pólen **bold 90g**; capa em cartão supremo 250g. Impresso na Gráfica e Editora Copiart em sistema de impressão *offset*.

Teve a impressão que da janela vinha uma claridade fria e fantástica trazida pela noite imemorial. Uma claridade indefinida, fantasmal, que apenas, como um halo, circundava os objetos, ressaltando os seus contornos, sem revelar no entanto a essência e os detalhes de suas formas. As pessoas na sala mais adiante eram agora silhuetas que se agrupavam em várias posições. Silhuetas estáticas, como se a ausência da luz despertasse no íntimo de cada uma inquietações primitivas. Talvez por essa razão começassem a cantar num murmúrio um canto sem palavras, gutural, que lembrava o zumbido de infinitos insetos.